

REVISTA NACIONAL DE REABILITAÇÃO

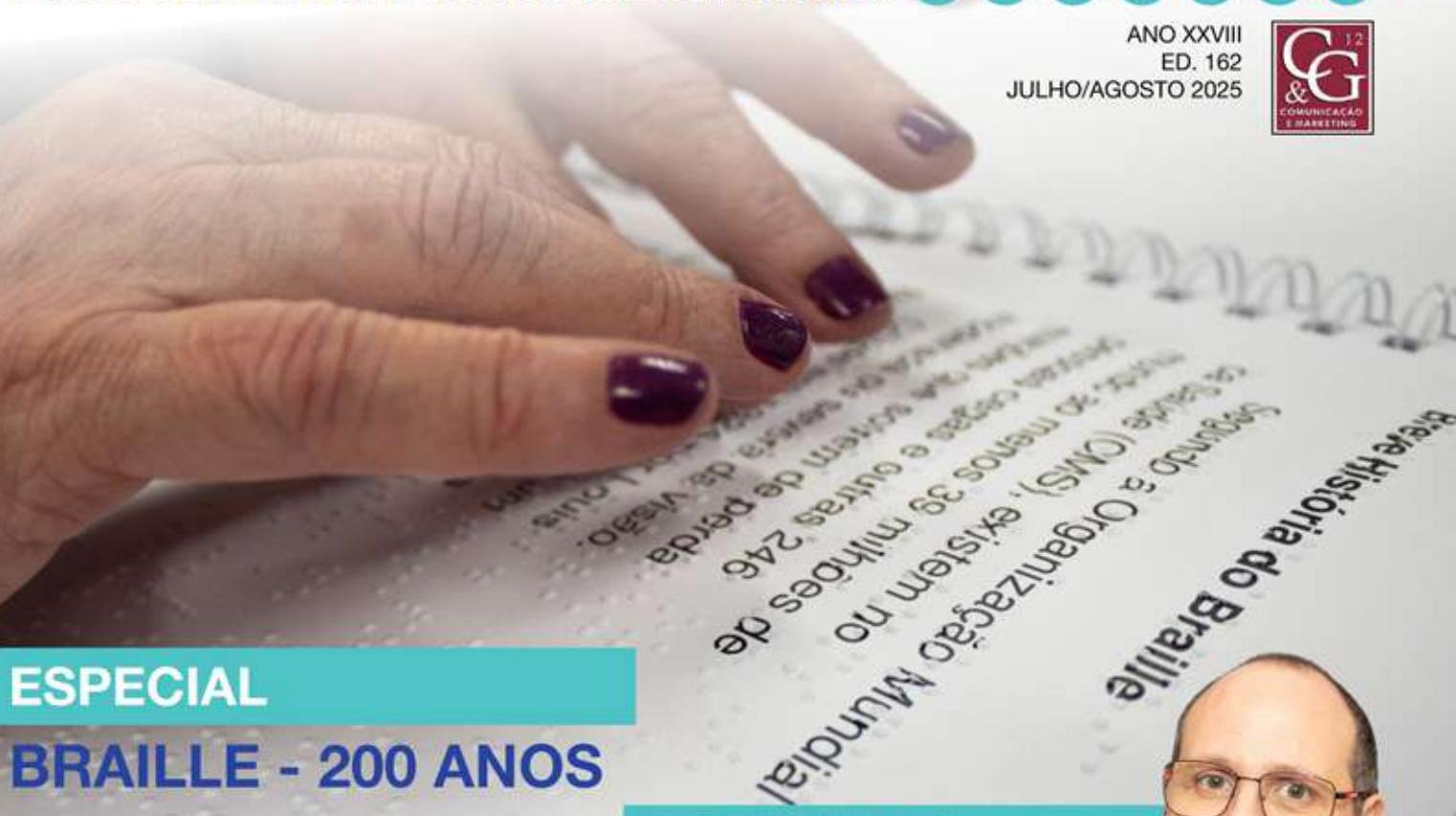
REACÂO

PESSOA COM DEFICIÊNCIA E DIVERSIDADE ASSISTIVA



ANO XXVIII
ED. 162

JULHO/AGOSTO 2025



ESPECIAL

BRAILLE - 200 ANOS

ENTREVISTA

ROBERTO MALUHY JR



Mitsubishi
Eclipse Cross



especial
CADERNO



CONHEÇA A MAIOR
GRÁFICA BRAILLE
DA AMÉRICA LATINA



FastBraille

ACESSIBILIDADE
NA VELOCIDADE NECESSÁRIA

SOMOS A FORMA MAIS RÁPIDA E INTELIGENTE PARA FAZER SUA EMPRESA
COMEÇAR A ATENDER, DE VERDADE, PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO.



Sabia que no Brasil somos mais de 6,5 milhões de pessoas com baixa visão e 540 mil pessoas cegas? A impressão braille-tinta vai além de uma obrigação legal, é a tecnologia ideal e insubstituível para assegurar a plena inclusão desse público no uso de documentos, e na leitura de livros, cardápios e materiais de comunicação. Venha participar deste mundo acessível com a Fast Braille.



A Revista Nacional de Reabilitação - REAÇÃO é uma publicação bimestral da C & G 12 Editora Ltda

Telefone (PABX):(11) 3873-1525

www.revistareacao.com.br
adm@cg12.com.br

Diretor Responsável – Editor
Rodrigo Antonio Rosso

Administração e Financeiro
Patricia Regina

Dept. Comercial
Alex Lima
Levy Carneiro

Diagramação
C&G 12

Consultores Técnicos
Renato Baccarelli
Suely Carvalho de Sá Yanez
Romeu Sassaki (In Memoriam)
Carlos Roberto Perl (In Memoriam)

Colaboradores
Alex Garcia
Marcos Freitas
Sérgio Taldo
Maria de Mello
Roberto Martins
Cleusa Sonnewend
Salomão Jr
Kelly Freymann
Rodolfo Sonnewend
Celise Melo
Kica de Castro
Igor Lima
Fabiano D'agostinho
Guto Maia
Giovanna Proença
Sabrina Daniela
Ricardo Berágua

É permitida a reprodução de qualquer matéria ou artigo publicado na REVISTA REAÇÃO – Revista Nacional de Reabilitação – desde que seja citada a fonte.

*Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião deste veículo, sendo assim, é de responsabilidade exclusiva de seus autores.

APOIO:



@revistareacao



@revistareacao

Como será o amanhã ?

As pessoas com deficiência e os idosos brasileiros estão passando pela pior fase de todos os tempos no que diz respeito a garantias de seus direitos e benefícios sociais. O que está acontecendo com o nosso País ? Onde estão nossos governantes que pregam o “social” e a “justiça” em toda véspera de eleições, mas depois de eleitos e que estão fazendo parte do “sistema”, parece que esquecem de tudo aquilo que prometeram e agem na contramão das necessidades e desejos da população ? Isso em todas as esferas.

Será que esquecem que são “representantes do povo” e eleitos pelo povo. Esse mesmo povo que eles abandonam sem o menor pudor ? Ano que vem tem eleições de novo e disso eles não esquecem, pois ao invés de governar, parece que o que se faz em Brasília/DF é apenas uma queda de braço diária, um “verdadeiro teatro” visando apenas e tão somente se manter no poder, e como vão costurar os conchavos e acordos para a eleição de 2026.

Mas ainda estamos em 2025... acordem ! Não... eles não acordam. Vivem essa “realidade paralela” onde o que menos conta é o povo. O que menos importa é o povo. E são os mais vulneráveis, os que mais necessitam – esse mesmo povo – é que paga a conta para que esses “eleitos” – e outros que não foram nem sequer eleitos, mas foram “indicados” por apadrinhamento por esses que nós elegemos – possam continuar esse “joguinho quase infantil” que fazem em Brasília/DF todos os dias. Parecem crianças mimadas, birrentas, num eterno “cabô de guerra” vendo quem pode mais. Canetadas para cá, discursos para lá... emendas parlamentares correndo soltas a cada votação importante para o destino desse mesmo povo, já tão massacrado pelas contas públicas e os impostos que não param de subir. Por isso, lhes pergunto: Onde está a “união e reconstrução” ? Onde está a “ordem e progresso” da nossa bandeira ? Se é que ainda temos uma bandeira ? Porque parece que a tão falada defendida “democracia” só existe para benefício de poucos. Os amigos tudo... aos inimigos, a lei. Mas qual lei ? A que está em nossa constituição ou a que pode ser “interpretada” e aplicada monocraticamente – sem democracia – por aqueles que deveriam zelar por ela ?

Tá difícil ! Sei que tem muita gente que “ainda” parece querer tapar o sol com uma peneira. Olhem o que estão fazendo com os benefícios sociais. Com o BPC por exemplo. Vejam a reforma tributária, que praticamente extermina com o benefício da compra do carro 0km com isenção da PCD. Olhem como está nosso sistema de saúde – SUS. Analisem o valor das coisas. Os preços dos alimentos nos supermercados. O nosso sistema de ensino público. A acessibilidade, a inclusão, a segurança pública.

Não estou falando do “discurso”, nem das matérias do noticiário geral, nem dos números de pesquisas que são divulgados a revelia – aliás, pesquisas essas que nunca fizeram nem com a gente. E nem com gente que a gente conhece. Ou já fizeram com você ? Estranho não é ? – mas, elas são divulgadas nos noticiários, são vendidas como padrão e como regra, como a opinião da massa. Uma massa de manobra. É isso que é o povo brasileiro, infelizmente.

O mundo real é diferente e cada dia mais complicado. O mundo daquele que trabalha, que produz e que não vive de penduricalhos políticos. Estou falando desse mundo que eu e você vivemos todos os dias. Você está satisfeito com ele ? Com o nosso Brasil e com o caminho que estamos trilhando ? Já respingou em você ? Aguarde. É questão de tempo. Pare e pense.

Como será o amanhã ? Responda quem puder... já dizia a letra da canção. 🎵



Rodrigo Rosso
Diretor/Editor

“E sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” Romanos 8.28

Roberto Maluhy Junior

CEO da FastBraille



Formado em Física pela Universidade de São Paulo (USP), com especialização em algoritmos genéticos e redes neurais aplicadas à astrofísica de altas energias, Roberto Maluhy Junior alia sua formação científica a um compromisso profundo com a inclusão social. É sócio-fundador da Maluhy&Co, reconhecida internacionalmente por suas soluções em acessibilidade e laureada pelo prêmio ABC International Excellence Award for Accessible Publishing da WIPO/ONU. Na FastBraille, onde atua como CEO, consolidou um ecossistema que atende mais de 850 clientes e assegura excelência ao MEC no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em versões digital e braille-tinta. Ao unir ciência, inovação e impacto social, Roberto transformou a FastBraille no maior ecossistema braille da América Latina.

DO ZERO A 50 MILHÕES DE PÁGINAS: COMO A FASTBRAILLE REVOLUCIONA O ACESSO AO BRAILLE NO BRASIL

A FastBraille, comandada por Roberto Maluhy Jr., é uma empresa brasileira dedicada a soluções braille-tinta completas, que vão da transcrição e revisão feitas por pessoas cegas à impressão em escala industrial e logística nacional. Sediada no estado de São Paulo, a empresa opera o maior ecossistema braille da América Latina, com capacidade de imprimir mais de um milhão de páginas por semana.

O foco de atuação da empresa está na educação, nos documentos oficiais e em outros segmentos de informação, sempre com a combinação de produtividade, precisão e qualidade.

Roberto Maluhy Jr. nos contou, com exclusividade, como nasceu a empresa, quais são seus maiores desafios e conquistas e o que vem pela frente na missão de democratizar o acesso ao braille no Brasil:

Revista Reação - A FastBraille nasceu de uma experiência pessoal ou de uma oportunidade de mercado? Como foi esse momento de ‘eureka’?

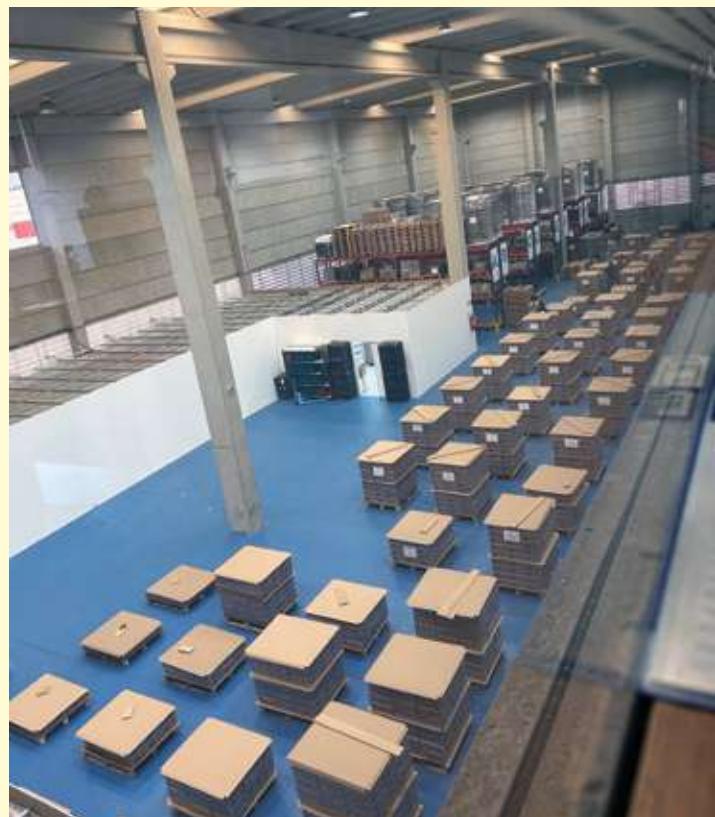
Roberto Maluhy Jr. - Na verdade, nasceu de uma necessidade concreta. Há cerca de 5 anos, o Ministério da Educação passou a exigir que editoras produzissem, junto com os livros digitais acessíveis, as versões em braille-tinta. Eu já liderava a maior empresa de livros digitais acessíveis do país e percebi que o próximo passo natural era o braille. Mas o braille não é apenas tecnologia. É um universo industrial, que envolve máquinas específicas, insumos caros, controle de temperatura e um processo logístico robusto. O “momento de eureka” aconteceu quando recebemos logo de início uma encomenda de mais de um milhão de páginas para serem entregues em menos de 6 meses. Foi o batismo de fogo: tivemos que criar sistemas próprios, desenhar processos do zero e, ao mesmo tempo, aplicar a experiência de mais de uma década em acessibilidade digital. Nesse caminho, conheci pessoas incríveis, muitas delas cegas, que hoje fazem parte do nosso time.

RR - Vocês prometem “braille rápido”. Quanto tempo leva hoje para produzir um livro em braille com a tecnologia da FastBraille, em comparação aos métodos tradicionais?

RMJ - O processo de produção de um livro em braille é complexo e vai muito além de simplesmente “imprimir em relevo”. Ele começa com a transcrição especializada, passa pela revisão feita por pessoas cegas, pela preparação de arquivos, pelo planejamento de insumos, controle de umidade e temperatura, impressão, acabamento e logística. Tradicionalmente, tudo isso levava meses. Na FastBraille, o tempo de produção foi reduzido a poucos dias. Hoje, as entregas são feitas em apenas 5% a 10% do prazo usual de mercado. Essa agilidade só é possível graças a uma operação totalmente integrada, com tecnologia de ponta, equipe técnica especializada e infraestrutura industrial preparada para atender todo o Brasil.

RR - Quantos livros já foram produzidos e quantas pessoas foram impactadas pela FastBraille?

RMJ - Hoje somos o maior fornecedor de materiais braille para o Ministério da Educação e também parceiros exclusivos dos mais de 13 mil cartórios do Brasil, atendendo mais de 5 mil municípios. Produzimos atualmente mais de 50 milhões de páginas por ano, com projeção de dobrar esse número para 100 milhões nos próximos 2 anos. Nós preferimos medir impacto em “páginas produzidas” e em capilaridade, e não em “livros”, porque um único livro



pode significar dezenas de volumes ou tiragens muito diferentes. O que realmente importa é que o conteúdo certo chegue, na hora certa, para quem precisa.

RR - Existe resistência do mercado tradicional de produção braille? Como vocês lidam com isso?

RMJ - Não diria resistência, mas havia bastante ceticismo. Circulava a ideia de que o setor privado não priorizaria qualidade e prazos. No entanto, vimos o oposto acontecer. Os maiores problemas, na verdade, estão em estruturas do mercado ainda pouco orientadas à produtividade e à gestão de processos. Ao adotar transparência e estabelecer métricas claras de prazo e qualidade, conseguimos demonstrar na prática que a produção de material em braille pode ser rápida, escalável e com padrão elevado.



RR - Como vocês trabalham com escolas e universidades para democratizar o acesso a materiais didáticos em braille ?

RMJ - Trabalhamos em três grandes frentes para democratizar o acesso ao braille em escolas e universidades. A primeira é a produção para redes de ensino. Aprendemos instituições como o Colégio Padre Chico, referência nacional, e criamos, por meio desta parceria, materiais voltados à pré-alfabetização em braille. A segunda é a integração acadêmica, por meio da qual nos aproximamos de universidades, compartilhando metodologias e apoiando pesquisas sobre inclusão. Exemplo aqui é a fundação do CAEB – Centro Avançado de Estudos Braille.

A terceira é o fortalecimento do segmento, participando ativamente de eventos e encontros como o Simpósio dos 200 anos do Braille no Instituto Benjamin Constant, o Congresso do ICEVI – Conselho Internacional para a Educação de Pessoas com Deficiência Visual e a Mobility & Show + Expo Braille 2025, que recebeu mais de 7 mil visitantes na sua última edição. Além disso, apoiamos iniciativas culturais

como as exposições do Bunkyo e da Associação Fernanda Bianchini. Em todas essas ações, nosso objetivo é o mesmo: fazer o braille circular, estar presente e valorizado.

RR - Qual livro você adoraria ver em braille nas mãos de mais pessoas ?

RMJ - Se eu pudesse escolher um título, seria “O Homem Mais Rico da Babilônia”, de George Clason. Educação financeira é um tema sensível no Brasil e, para mim, autonomia começa por aí. É um clássico curto, de linguagem simples e prática, que apresenta fundamentos — poupar, planejar, investir — de forma acessível e nada técnica. Em braille, esses conceitos chegam a quem muitas vezes tem pouca oferta de material sobre o assunto, ampliando autonomia e oportunidades.

RR - Qual é o maior mito sobre acessibilidade para pessoas com deficiências visuais que você gostaria de derrubar ?

RMJ - Acredito que o mito seria essa ideia de que o “digital (áudio) substitui o braille”. O áudio é uma ferramenta complementar, mas não é suficiente para alfabetização, que exige contato com a escrita e, para a pessoa cega, isso acontece pelo tato, através do braille. Sem braille, perde-se a possibilidade da escrita correta, do letramento pleno e da própria autonomia e autoestima.

RR - Quais são os próximos passos ? A FastBraille pretende expandir para outros países ?

RMJ - Sim. Já estamos em tratativas em Portugal para oferecer nossas soluções na União Europeia. Mas o foco principal continua sendo o Brasil, onde a demanda ainda é gigantesca e muitas vezes invisível. Importante frisar que não estamos falando apenas de livros. O braille deve estar em cardápios, contratos, certidões, manuais de instrução, contas de consumo, anuários, relatórios empresariais e muito mais. Estamos investindo em pesquisa e desenvolvimento na ampliação de soluções de dados variáveis, aumentando ainda mais nossa capacidade produtiva. Nos próximos 2 anos, uma das nossas metas é dobrar a capacidade anual de 50 milhões para mais de 100 milhões de páginas, além de avançar no desenvolvimento de máquinas próprias de impressão braille.

RR - Você lidera uma empresa que literalmente “abre os olhos” através do toque. O que isso significa para você, pessoalmente ?

RMJ - Para mim, significa transformar autonomia em futuro. É um exercício diário equilibrar a urgência social com o planejamento de longo prazo, num campo que sempre foi marcado por lentidão e desigualdade. Se conseguimos sair do zero para 50 milhões de páginas em poucos anos, foi porque priorizamos a inovação, o planejamento e reconhecemos o braille como ferramenta insubstituível de alfabetização. Quem tem acesso ao braille voa mais alto, e é isso que me move.



Uma ferramenta de acessibilidade e inclusão social para empresas que queiram conectar-se com pessoas surdas.

"Sou muito grato ao ICOM por me ajudar a romper as barreiras da comunicação."

Diego de Lima
Curitiba/PR

✉ contato-icom@ame-sp.org.br



Eliana Naete - Intérprete de LIBRAS



O papel da religião na vida das Pessoas com Deficiência

A religião, além de um elemento espiritual, é um espaço de acolhimento, pertencimento e construção de identidade social. Para as pessoas com deficiência, essa vivência é ainda mais significativa, pois pode fortalecer a autoestima, promover apoio emocional e combater o isolamento social. Contudo, para que isso ocorra, é fundamental garantir a acessibilidade física, comunicacional e atitudinal nos espaços de fé.

Religião como direito fundamental e humano

A liberdade religiosa é um direito humano e fundamental, assegurado pela Constituição Federal e pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Ela garante que todas as pessoas possam escolher, mudar ou manter suas crenças, bem como participar livremente das atividades religiosas, sem sofrer exclusão ou discriminação. Negar a participação plena na vida religiosa é, portanto, negar cidadania.

Acessibilidade nos espaços religiosos

Para que o direito à fé seja exercido em igualdade, é essencial que os templos

sejam acessíveis: rampas, elevadores, banheiros adaptados, intérpretes de Libras, legendas, audiodescrição e materiais em braile são recursos que eliminam barreiras. Também é necessário sensibilizar líderes e membros para acolher sem preconceito, evitando o capacitismo.

No entanto, a acessibilidade vai além do aspecto físico. Existem barreiras invisíveis que afastam pessoas com deficiência das comunidades de fé: falta de comunicação adaptada (como Libras, audiodescrição e materiais em formatos acessíveis), linguagem litúrgica que reforça estereótipos, e interpretações religiosas que associam deficiência a castigo, falta de fé ou punição. Essas barreiras são silenciosas, mas profundamente excludentes, e só serão superadas com mudança de mentalidade, formação e compromisso real com a inclusão.



Espiritualidade, saúde mental e fortalecimento emocional

A fé pode ser um importante aliado no enfrentamento das dificuldades, reduzindo sintomas de ansiedade e depressão, além de reforçar o senso de pertencimento. Comunidades religiosas funcionam como redes de apoio emocional, oferecendo solidariedade e escuta.

Protagonismo e liderança

A inclusão plena vai além da presença física: envolve também oportunidades para que pessoas com deficiência participem ativamente das atividades religiosas e possam assumir funções de liderança e protagonismo.

No entanto, a realidade é que, em muitos espaços religiosos, a presença de pessoas com deficiência ainda é pequena — seja como fiéis, voluntários ou líderes. Barreiras arquitetônicas, ausência de recursos de acessibilidade, atitudes capacitistas e a falta de diálogo com essa parcela da comunidade acabam afastando ou impedindo sua participação.

Essa baixa presença se reflete também na escassa representatividade nos cargos de liderança e influência religiosa, onde raramente encontramos pessoas com deficiência atuando como ministros, prega-

dores, professores ou coordenadores. Não se trata apenas de barreiras físicas, mas também de um capacitismo estrutural que nega oportunidades de formação, visibilidade e participação.

Ampliar o acesso e a representatividade é essencial para que a diversidade humana esteja refletida em todos os níveis da vida religiosa, inspirando fiéis, quebrando estereótipos e fortalecendo a construção de comunidades realmente inclusivas.

Diversidade religiosa e inclusão

A inclusão na vida religiosa não se restringe ao universo cristão.

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS:

No Candomblé, na Umbanda e em outras tradições de matriz africana, a visão sobre a deficiência frequentemente rompe com a lógica biomédica e ocidental. Nessas tradições, a diversidade física e sensorial é reconhecida como parte da condição humana e, em alguns casos, como manifestação especial de ligação com o sagrado. Em muitos terreiros, pessoas com deficiência têm participação ativa nos rituais, danças, cantos e funções sagradas, sendo valorizadas por suas contribuições e pela energia que trazem à comunidade. Essas religiões carregam também uma dimensão histórica de resistência contra o racismo e a marginalização social, o que se alinha diretamente à luta contra o capacitismo. Ao incluir pessoas com deficiência em seus espaços e rituais, reafirmam o princípio de que todos têm lugar na construção da vida espiritual e comunitária. Essa inclusão não é apenas simbólica, mas prática, pois envolve acomodamento, funções adaptadas e valorização da singularidade de cada indivíduo.

RELIGIÕES INDÍGENAS:

Muitas comunidades indígenas integram naturalmente a deficiência em suas práticas, valorizando a contribuição de cada pessoa para a vida coletiva e reconhecendo sua importância nas narrativas culturais e espirituais.

O papel da família

O núcleo familiar é essencial para facilitar o acesso à vida religiosa, oferecendo suporte prático e emocional. Famílias que incentivam a participação contribuem



para a autoestima e para a integração social, enquanto a falta de apoio pode reforçar o isolamento.

Religião como instrumento de combate ao capacitismo

A fé, quando compreendida de forma inclusiva, combate preconceitos e estigmas, substituindo visões equivocadas por mensagens de respeito, valorização e igualdade.

O capacitismo - preconceito e discriminação contra pessoas com deficiência - pode se manifestar até mesmo em ambientes religiosos, às vezes por interpretações equivocadas que associam deficiência a castigos divinos ou incapacidade espiritual.



Igor Lima

é advogado (OAB/RJ), Pós-Graduado em Direitos Humanos e Pós-Graduando em Direito Ambiental, ESG e Sustentabilidade e Gestão de Departamento Jurídico. Membro da Comissão de Direitos da Pessoa com Deficiência da OAB, palestrante e escritor, com obra lançada no STJ, citada no STF e utilizada como referência em processos seletivos no Brasil. Atua em palestras no MPRJ, UERJ, UFRJ e outras instituições de renome. Voluntário no IN Movimento Inclusivo e referência nacional na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, acessibilidade, inclusão e direitos humanos. E-mail: igorlimadc@gmail.com

Entretanto, teólogos, líderes e comunidades que adotam uma leitura humanista das escrituras têm papel crucial na desconstrução desses estigmas.

A fé pode se tornar um potente instrumento de valorização da diversidade humana, incentivando atitudes inclusivas e o respeito às diferenças.

Exemplo prático: comunidades religiosas que promovem encontros inclusivos, capacitação para voluntários e discursos contra o preconceito ajudam a transformar mentalidades e fortalecer a autoestima das pessoas com deficiência.

Papel das instituições religiosas na formulação de políticas públicas

Comunidades de fé têm poder de mobilização e podem pressionar por políticas públicas mais inclusivas, como programas de acessibilidade, saúde e inclusão educacional, ampliando a efetividade das leis.

As instituições religiosas exercem forte influência social e política, podendo se tornar importantes aliadas na defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Por meio de campanhas de conscientização, articulação com o poder público e mobilização comunitária, os templos e suas lideranças podem contribuir para a criação e implementação de políticas públicas que garantam acessibilidade, saúde, educação e inclusão social.

Exemplo prático: organizações religiosas que participam de fóruns de direitos humanos e pressionam legisladores colaboraram para avanços concretos em leis e programas governamentais.

“Quando a fé se une à justiça social, a transformação é possível.”



Acessibilidade e inclusão na inovação !

Esalutar destacar a real conexão entre inclusão e acessibilidade, ou seja, para que a inclusão possa acontecer, de fato, meios-ferramentas devem ser postas em prática.

Se estes meios-ferramentas não estiverem devidamente ajustados a inclusão se torna algo quimérico em essência, ou no mínimo, desigual;

A acessibilidade

É um direito fundamental, inerente ao ser humano, e um princípio transversal ao exercício de todos os demais direitos humanos. É condição implícita, que faz parte do conteúdo essencial de cada um dos direitos fundamentais. Em sua ausência-omissão-transgressão conduz à não satisfação do direito. Por outro lado, como um direito em si, a acessibilidade permite a igualdade de oportunidades, o exercício da cidadania e, que as pessoas com deficiência possam exercer o direito à vida independente. Inclui o direito de acesso, em igualdade de condições com os demais, ao ambiente físico, transporte, informação e comunicações, incluindo sistemas e tecnologias de informação e comunicação, bem como processos, bens, produtos e outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso comum, tanto em área urbana quanto rural. Em sua manifestação concreta, aplica-se o desenho universal e o ajuste razoável.

A acessibilidade alcança todo um conjunto de pessoas, ao passo que o ajuste razoável se restringe a casos individualizados. Isso significa que a obrigação de fornecer acessibilidade é uma obrigação “ex-ante”, ou seja, “antes do fato”, avaliação é feita com base nos dados do passado, uma expectativa em relação a eventos futuros.

Ajustes razoáveis

São modificações e adaptações necessárias e adequadas que não imponham um ônus desproporcional ou indevido, quando necessário em um caso particular, para garantir às pessoas com deficiência o gozo ou o exercício em igualdade de condições com os demais, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais.

Exemplos de ajustes razoáveis (ou negação destes)

A negação indica ato-fato de discriminação. Proporcionar (ou negar) o auxílio de um assistente. Proporcionar (ou negar) apoio (ajustes) tecnológicos em favor de uma pessoa com deficiência para igualar suas oportunidades de exercer seus direitos fundamentais.

E a inovação ?

A inovação significa criar, desenvolver algo novo, introduzir novidades, renovar, recriar. A inovação é sempre tida como sinônimo de mudanças e/ou melhorias de algo já existente.

Analiticamente, a inovação, acontece de diferentes maneiras, dependendo à que campo está situado e se destina. De acordo ao exposto como acessibilidade e aos ajustes razoáveis, a inovação no Brasil está distante de ser efetiva para as Pessoas com Deficiência.

Primeiro: nosso País custa, ou, muitas vezes, descumpre os preceitos legais.

Segundo: A baixíssima formação educacional da população de Pessoas com Deficiência produziu e ainda produz ampla falta de conhecimento-compreensão de seus próprios direitos.

Terceiro: A desigualdade socioeconômica é gigantesca em nosso País, afetando diretamente a aquisição de inovações, em particular as tecnológicas. Em outras palavras, as pessoas com deficiência, de um modo geral, não possuem condições financeiras para adquirir as inovações, estas sendo destinadas as Pessoas com Deficiência de menor ou maior complexidade.



Alex Garcia

é pessoa Surdocega com Hidrocefalia e Doença Rara (Brasil).
Site: www.agapasm.com.br



O crescimento do Diabetes Tipo 2 é um alerta de saúde pública no Brasil

O Brasil tem quase 17 milhões de pessoas com diabetes. Deste total, mais de 90 % correspondem ao Diabetes Tipo 2 (DM2), conforme dados do Atlas do Diabetes de 2025, da IDF - International Diabetes Federation. O país ainda ocupa o 6º lugar no mundo em número de casos.

O Diabetes Tipo 2 se caracteriza pela produção insuficiente de insulina. Idade acima de 40 anos, com sobrepeso, sedentários e com maus hábitos alimentares são características desses pacientes. No entanto, especialistas observam um aumento no diagnóstico de DM2 em populações mais jovens.

“O crescimento do Diabetes Tipo 2 é um alerta de saúde pública no Brasil. Os números de 2025 revelam a urgência de abordarmos não apenas o tratamento, mas, principalmente, as causas subjacentes, como o sedentarismo e a alimentação inadequada, que estão impulsionando essa epidemia”, afirma a Dra. Lorena Lima Amato, endocrinologista.

Na maioria das pessoas, o Diabetes Tipo 2 não apresenta sintomas e a doença é diagnosticada em exames de rotina, como o de sangue que mede a glicemia. “Os sintomas costumam surgir depois de anos que a pessoa já tem diabetes e não faz o tratamento, muitas vezes por não saber ser portador da doença. Entre os sintomas estão o aumento da sede, volume urinário elevado e perda de peso inexplicada”, alerta Dra. Lorena.

Diagnóstico e prevenção

O diagnóstico é feito por meio de exames de glicemia, como a glicemia de jejum ou após o teste de sobrecarga de glicose.

A boa notícia é que a prevenção e o manejo do Diabetes Tipo 2 podem ser significativamente influenciados por mudanças no estilo de vida. “O primeiro e mais impactante passo para o controle do diabetes é a adoção de um estilo de vida mais saudável. Isso envolve não

apenas reduzir as atividades sedentárias e aumentar a prática de exercícios físicos regulares – como caminhada, corrida ou natação – mas também incorporar atividades espontâneas ao dia a dia, como subir escadas em vez de usar elevadores”, conta Dra. Lorena Amato.

A endocrinologista ressalta a importância de uma alimentação consciente: “A mudança alimentar não deve seguir dietas da moda, mas sim focar na redução da ingestão calórica, diminuir o consumo de carnes gordas e embutidos, e aumentar a ingestão de fibras, através de grãos integrais, leguminosas, hortaliças e frutas. Limitar o consumo de bebidas e comidas açucaradas é igualmente fundamental”, orienta Dra. Lorena.

Tratamento

No último ano, o tratamento do Diabetes Tipo 2 ganhou reforço com as cianetas Ozempic, Mounjaro e a mais recente e fabricada no Brasil- a Lirux. “O Mounjaro, representa um avanço significativo no tratamento do diabetes. Esta medicação, conhecida como tirzepatida, combina análogos do GLP-1 com a molécula GIP em uma única estrutura. Esta associação se mostrou superior na perda de peso e controle da glicemia em comparação ao uso isolado de semaglutida (Ozempic)”, explica a endocrinologista.



Mitsubishi Eclipse Cross

Na cidade, na estrada e fora dela, uma ótima opção para quem quer dar um “up” dentro da isenção de IPI



Ao contrário do que muita gente sempre pensou, o Eclipse Cross veio para quebrar a barreira do preconceito que algumas pessoas tinham em relação aos modelos da marca Mitsubishi. A maioria dos consumidores com deficiência sempre pensou que os modelos da marca fossem muito caros, fora dos tetos dos benefícios da isenção para pessoas com deficiência. Pois é, ledo engano! Como dizem por ai: “agora você pode” ter um Mitsubishi, e com isenção de IPI.

Pela primeira vez nesses quase 28 anos testando modelos de todas as marcas, a Revista Reação agora, também em parceria com a fábrica, testou o modelo Mitsubishi Eclipse Cross. A montadora, com fábrica na cidade de Catalão/GO, nos enviou o carro





por cerca de 30 dias, onde nossa equipe de exclusiva de profissionais especializados pudesse submeter o Eclipse aos mais diversos testes de uso do modelo no dia a dia de uma pessoa com deficiência.

Próxima parada: Paraty/RJ

Além de testar o modelo na cidade, nossa equipe dessa vez resolveu cair na estrada. Fomos até Paraty/RJ para participar de um evento sobre autismo e aproveitamos para testar o desempenho do Eclipse Cross também na estrada e fora dela.

Para realizarmos os testes, contamos mais uma vez com o apoio e parceria da adaptadora de veículos La Macchina, com sede na Vila Mariana na zona sul da capital paulista, que instalou no Eclipse Cross uma alavanca de freio e acelerador à esquerda (push and pull) e um pomo giratório no volante.

Considerado um SUV médio, e com preço bastante convidativo abaixo do limite de teto do IPI, o Eclipse é extremamente confortável e espaçoso, tanto para o motorista como para os passageiros, inclusive o espaço do porta-malas também é um dos pontos altos do modelo.

Partindo de São Paulo/SP, antes de chegar a Paraty/RJ, nossa equipe fez uma parada na bela cidade de São Luiz do Paraitinga/SP. E na estrada o conjunto formado pelo motor 1.5 turbo de 165 cv de

potência e o câmbio automático CVT de 8 marchas se mostraram perfeitos. Muito estável e respondendo bem nas ultrapassagens, o Eclipse Cross agradou e disse a que veio. Já nas ruas de Paraty/RJ, mesmo nas



**Várias vezes por dia durante
a programação da rádio**

A PARTIR DAS 7H DA MANHÃ

Tropical FM 107,9

Na Tropical é mais legal

MOMENTO INCLUSÃO
com Rodrigo Rosso

SINTONIZE !
OUÇA ! PARTICIPE !
AVISE OS AMIGOS !

SISTEMA REAÇÃO
REACAO.RADIO.COM.BR
REACAO, DIVULGANDO, EDUCANDO E ENTRETENDO
28 ANOS

PARCERIA

www.radiotropicalfm.com

Sua empresa pode falar com milhares de ouvintes durante o dia todo !
PARA PATROCINAR - LIGUE:  (11) 99721-6722 | *Marcos Segalla*



do centro histórico da cidade, todas irregulares com pedras portuguesas centenárias, o conforto do modelo com suspensão independente falou mais alto.

Apesar de fabricado – motado – em Goiás, o motor do Eclipse Cross é importado, por isso, ele é movido apenas à gasolina. Mas o consumo é razoável se levarmos em consideração o estilo do carro.

Design, acessibilidade e segurança

Assim como todos os modelos da Mitsubishi, as linhas modernas e o design arrojado são uma característica marcante que chamam a atenção por onde o Eclipse Cross passa. Por dentro, a anatomia dos bancos abraçam tanto o condutor como os passageiros, e a altura do banco do motorista em relação ao assento da cadeira de rodas, por exemplo, é bastante confortável, exigindo pouco esforço no momento da transferência. Além disso, o bom ângulo de abertura das portas facilita essa operação.

A direção elétrica mantém o conforto na condução. No quesito segurança, a estabilidade do modelo é o ponto alto. Ele também conta com airbags laterais e de cortina. No volante o motorista pode



que dá um ar sofisticado internamente. O Eclipse Cross de entrada tem o ar-condicionado digital - de uma zona - bancos de couro e central multimídia de 7 polegadas. As conexões Android Auto e Apple CarPlay são feitas usando cabo. O funcionamento do multimídia é bem simples e intuitivo. Na tela ainda o motorista tem as imagens da câmera de estacionamento.

Espaço interno e de porta-malas

Nesse ponto também que o Mitsubishi Eclipse Cross tem um grande diferencial. O espaço interno é muito bom tanto para quem vai na frente, como para os passageiros do banco de trás, se não forem tão altos. Se o motorista for cadeirante e guardar o seu equipamento desmontado dentro do carro, não encontrará problemas para executar essa manobra. O porta-malas é bastante generoso com seus 473 litros de capacidade. É grande e profundo, o que facilita e muito para transportar cadeiras de rodas de todos os tipos, desde as maiores, dobradas em 'x' – mesmo as mais antigas que não soltam suas rodas, por exemplo – até as mais compactas e modernas do tipo monobloco. Muitas podem ser transportadas sem ser desmontadas se o tampão traseiro for retirado. 

O Mosaico da Inclusão: dados, desafios e a essência humana no Brasil

Ecom grande inquietação que mergulho nas pautas que moldam nossa sociedade, especialmente quando elas reverberam em discussões tão cruciais como a diversidade e a inclusão. Ao analisar os estudos e dados relacionados a esses temas, os números se transformam em faces e as estatísticas em histórias, tornando-se um convite a profundas reflexões. Afinal, por trás de cada dado, há uma vida, uma aspiração e um clamor por dignidade.

É com essa perspectiva que convido você a explorar os “Números que Contam Histórias, Desafios que Inspiram Ação” na jornada da diversidade e inclusão no Brasil.

O Censo: uma radiografia da diversidade brasileira

Quando olhamos para as estatísticas, a dimensão do desafio – e da oportunidade – se torna evidente. O Censo Demográfico do IBGE de 2010 já nos mostrava que quase um quarto da população brasileira, cerca de 45,6 milhões de pessoas, declarava ter algum tipo de deficiência. Isso inclui deficiência visual, auditiva, motora e mental/intelectual, revelando a vasta e multifacetada composição de nossa sociedade.

Embora o Censo 2022 ainda esteja em fase de detalhamento dos dados sobre pessoas com deficiência, as informações preliminares já apontam para uma população total de aproximadamente 203 milhões, com um notável envelhecimento gradual, o que inevitavelmente impacta o cenário da inclusão.

A evolução é visível. Houve um aumento significativo de matrículas de alunos com deficiência na educação básica – passando de 145 mil em 2003 para mais de 1,2 milhão em 2020. Isso é um sinal de que a educação inclusiva, mesmo com seus desafios, está ganhando terreno. No entanto, a Lei de Cotas (Lei Nº 8.213/1991), que exige que empresas com 100 ou mais empregados reservem de 2% a 5% de suas vagas para pessoas com deficiência, ainda esbarra em uma realidade desanimadora: apenas cerca de 1% das vagas formais são de fato ocupadas por PCD, segundo dados do Ministério do Trabalho. A acessibilidade, apesar dos avanços legislativos como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI - Lei nº 13.146/2015), permanece desigual.

Diversidade e Inclusão na atualidade: essencial para o progresso

Os temas de diversidade e inclusão transcendem as discussões sociais e políticas; eles se consolidaram como pilares essenciais no ambiente corporativo. O reconhecimento de que a diversidade em suas múltiplas formas – raça, etnia, gênero, orientação sexual, idade e habilidades – impulsiona resultados é reforçado por estudos contundentes. Uma pesquisa da McKinsey & Company revela que empresas no quartil superior em diversidade étnica e racial têm 36% mais chances de obter retornos financeiros acima da média do setor. A Deloitte complementa, indicando que 83% dos “millennials” são mais engajados em ambientes inclusivos, e um relatório da Accenture aponta que empresas com culturas



inclusivas têm 27% mais chances de reportar crescimento acima da média.

Isso não é apenas um “discurso de marketing”; é uma realidade que impacta o desempenho e a inovação. No entanto, é fundamental que a sociedade continue a pressionar por ambientes de trabalho mais equitativos, com a implementação de políticas de contratação inclusivas e treinamentos que desconstruam preconceitos inconscientes.

As Barreiras Silenciosas: capacitismo e idadismo

Apesar dos avanços e do reconhecimento crescente da importância da diversidade, enfrentamos desafios persistentes que muitas vezes se manifestam de forma sutil, mas profundamente danosa. O capacitismo, a discriminação e o preconceito contra pessoas com deficiência, ainda permeia atitudes, práticas e estruturas sociais. Ele se revela na estigmatização, em estereótipos que caracterizam PCD como incapazes, na perpetuação de barreiras arquitetônicas e tecnológicas, no uso de linguagem pejorativa, na desigualdade de oportunidades de emprego e educação, e até mesmo na negligência em cuidados de saúde.

Combater o capacitismo exige uma mudança cultural profunda, que passa pela educação e sensibilização. Promover a conscientização sobre as capacidades e contribuições das pessoas com deficiência, implementar políticas que garantam acessibilidade universal e investir em tecnologia assistiva são passos cruciais para derrubar essas barreiras e garantir que as pessoas com deficiência tenham voz ativa nas decisões que afetam suas vidas. A luta por inclusão, diversidade, igualdade e equidade não é apenas uma questão de direito, mas de ética e moralidade.

Da mesma forma, o idadismo, o preconceito e a discriminação baseados na idade – mais frequentemente direcionado aos idosos – se manifesta em estereótipos negativos que os veem como menos competentes ou resistentes a mudanças. Isso leva à discriminação no trabalho, representações limitadas na mídia, acesso desigual a cuidados de saúde e isolamento social. A valorização da experiência e sabedoria dos idosos, a promoção de interações intergeracionais e a garantia de acesso à tecnologia são essenciais para combater essa forma de preconceito e construir uma sociedade onde todas as idades sejam valorizadas.

Neurodiversidade: quebrando paradigmas

Um campo que ganha cada vez mais destaque é o da neurodiversidade. Estima-se que entre 15% e 20% da população mundial seja neurodivergente, englobando condições como TEA (Transtorno do Espectro Autista), TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) e dislexia. No Brasil, o IBGE, ao pesquisar a neurodiversidade juntamente com outras deficiências, aponta para 18,9 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, correspondendo a 8,9% da população. No entanto, apenas 29,2% das pessoas com deficiência participam do mercado de trabalho, em comparação com 66,4% da população em geral.

Essa lacuna não é apenas um número; é uma indicação clara da necessidade de romper o viés da deficiência e, em vez disso, enxergar os talentos e habilidades das pessoas neurodivergentes. Projetos de lei, como a Política Nacional de Proteção às Pessoas Neurodivergentes, são um passo importante para garan-

tir direitos fundamentais e promover sua inclusão plena, não só na educação e na sociedade, mas principalmente no mercado de trabalho.

A persistência para uma inclusão genuína

Os fatos e números apresentados são um espelho de nossa sociedade. Eles revelam os avanços conquistados, mas também a vastidão dos desafios que ainda precisam ser superados. A Lei Brasileira de Inclusão, o aumento de matrículas na educação inclusiva, e o reconhecimento dos benefícios da diversidade no ambiente corporativo são vitórias importantes que não podem ser subestimadas.

Contudo, a verdadeira inclusão transcende a conformidade legal. Ela exige um comprometimento genuíno de cada indivíduo, empresa e governo. Como tive a oportunidade de vivenciar em minha própria trajetória, seja na batalha por acessibilidade ou na reflexão sobre a resiliência humana, a persistência é a chave.

Não se trata apenas de cumprir cotas ou de ostentar um selo de inclusão; trata-se de criar ambientes onde a ética e o amor sejam o alicerce, a educação, a justiça, o respeito e a solidariedade sejam as paredes, e a inclusão seja o teto que protege e eleva a todos.

É preciso um esforço contínuo para desmantelar o capacitismo e o idadismo, para transformar os números em oportunidades e para garantir que a neurodiversidade seja vista como um ativo. A tecnologia, o reconhecimento de movimentos sociais e a representação na mídia são ferramentas poderosas nesse processo.

Que os dados, portanto, não sejam apenas estatísticas frias, mas um chamado à ação para que cada um de nós se torne um agente de transformação. A luta por uma sociedade verdadeiramente inclusiva é longa, mas, como bem sabemos, “desistir só fará mais mal”. Não cruze os braços. Não se cale. Não desista. Juntos, podemos construir um Brasil onde a diversidade seja celebrada e a inclusão seja uma realidade vivida por todos, em todos os lugares. 🌟



Fabiano D'Agostinho

é formado em Tecnologia Elétrica pelo Mackenzie, pós-graduado em Administração de Marketing pela FAAP, com extensão em Administração de Negócios e Gerenciamento de Projetos na UC Berkeley (USA). Tem passagem por empresas como Questus, em San Francisco, AgênciaClick Isobar e Dentsu Aegis. É um peregrino criativo de 49 anos, cadeirante desde os 26, professor, palestrante, ator, escritor, pensador, marceneiro, marido e pai de um adolescente de 15 anos. Atualmente é consultor, mentor e COO da ConexCl, uma empresa de consultoria estratégica e operacional para incorporadoras e construtoras. Redes Sociais: @fabsdago

Representatividade da Pessoa com Deficiência: Por que importa ?

Quando nos propomos a entender o que é representatividade, antes de qualquer conceito, diversas questões surgem na nossa mente. Por exemplo, quantas vezes você esteve em um espaço de lazer e viu uma pessoa com deficiência fazer uso do mesmo espaço? Pode até ter visto, mas no que é certo, com certeza era uma minoria. Quantas vezes uma pessoa com deficiência se candidatou a um cargo público e foi eleita? Em 2024, uma pesquisa do TSE revelou que apenas 8% das pessoas com deficiência que se candidataram a cargos de vereador foram eleitas. O TSE registrou 475 candidatos com deficiência concorrendo a cargos públicos em todo o país, sendo a maioria com deficiência física (53,68%), seguida por visual (23,58%), auditiva (11,58%) e outros tipos (11,24%).

Saber o que é representatividade e qual a sua importância colabora para que possamos evoluir como seres humanos que se preocupam com o outro. Através dela temos a oportunidade de garantir aos PCD maior autonomia, independência e dignidade. Debater esse tema é enriquecedor, e enseja uma grande diminuição de preconceito que está enraizado em nossa sociedade. Quanto mais esse assunto for debatido e mais pessoas procurarem sobre ele, mais seremos capazes de disseminar conhecimento a todos que precisam.

A representatividade é estar presente em todos os espaços. Caso contrário, vamos seguir discutindo questões pautadas por quem não vive as nossas dores e não entende as nossas necessidades. Ela é pautada na construção subjetiva de identidade, evidenciando que as pessoas com deficiência não procuram somente que seus interesses sejam garantidos, mas sim que cada pessoa consiga se descobrir e se enxergar como alguém que faz parte do todo.

No Brasil, 14,4 milhões de pessoas ou 7,3% da população com 2 anos ou mais, se declaram com algum tipo de deficiência, segundo dados do Censo 2022 do IBGE. Essas pessoas estão em todos os lugares: nas escolas, nas empresas, nas ruas, nas famílias. No entanto, a presença nos espaços de poder, na mídia, na cultura e no mercado de trabalho ainda é proporcionalmente muito menor do que a realidade demográfica indica.

Na educação houve avanços importantes. Dados do Instituto Rodrigo Mendes - organização sem fins lucrativos que desenvolve programas de pesquisa, formação continuada e controle social na



área da educação inclusiva - mostram que nos últimos anos cresceu a matrícula de estudantes com deficiência em classes comuns indicando um movimento em direção à inclusão escolar. Ainda assim, barreiras físicas, metodológicas e atitudinais persistem, muitas crianças e jovens enfrentam dificuldades para permanecer e se desenvolver plenamente no ambiente escolar.

No mercado de trabalho a Lei de Cotas (Lei n° 8.213/91) é uma ferramenta ideal para a empregabilidade, determinando que empresas com 100 ou mais funcionários reservem vagas para pessoas com deficiência. Mesmo assim, o cumprimento da Lei ainda está aquém do esperado. Dados do Ministério do Trabalho revelam que

menos de 60% das vagas previstas pela legislação, e a maioria dos contratos se concentra em funções de baixa remuneração e poucas oportunidades de crescimento.

No cenário global, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 1,3 bilhão de pessoas ou 16% da população mundial, vivem com algum tipo de deficiência. Trata-se, portanto, de uma das maiores minorias do planeta, mas que ainda enfrenta invisibilidade social.

A representatividade da pessoa com deficiência vai muito além de números. É sobre garantir voz, presença e protagonismo. É sobre criar políticas públicas efetivas, promover acessibilidade plena e abrir espaço para que essa parcela significativa da população não seja apenas contemplada por leis, mas reconhecida como parte ativa e indispensável da sociedade. Muito mais do que estatística, estamos falando de pessoas, talentos e histórias que precisam e merecem ser vistas e ouvidas. 🎙



Giovanna Proença
é Psicóloga. Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo e Desenvolvimento Atípico. Fundadora e Proprietária da MOVE Desenvolvimento Humano, empresa de Treinamentos, Capacitações e Consultorias em Inclusão, Acessibilidade e Diversidade. Mãe Atípica. E-mail: movedh@outlook.com.br



Inclusão de crianças com deficiência nas salas regulares: Lei responsável ou caos na educação ?

A inclusão de crianças com deficiência nas salas regulares de ensino é um tema que, embora carregue boas intenções e objetivos sociais nobres, também revela um conjunto de desafios frequentemente ignorados ou mal interpretados. A Lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei Nº 13.146/2015) garante que todos os alunos, independentemente de sua condição, devem ter acesso à educação em escolas regulares, com a possibilidade de uma educação inclusiva. Contudo, a implementação dessa legislação, sem a devida preparação dos profissionais e sem os recursos necessários, acaba gerando uma série de complicações, especialmente no caso de crianças com grau 3 de autismo, que podem apresentar comportamentos agressivos devido à sua condição.

Recentemente, em São Paulo, Zona Sul, um caso chamou a atenção: uma

criança “autista” sem diagnóstico, em crise, tentou agredir a professora. Como resposta, os pais dos colegas da criança decidiram não levar seus filhos à escola na sexta-feira, 15 de agosto, realizando um protesto em frente à instituição, alegando o perigo que seus filhos e a professora corriam. Embora os pais tenham o direito de expressar sua preocupação, é importante lembrar que a criança também tem o direito de estar na sala de aula.

Uma das questões centrais é a falta de qualificação dos professores. A formação dos educadores é um aspecto crucial para o sucesso da inclusão. Muitos professores não estão devidamente preparados para lidar com a diversidade de necessidades que uma criança com autismo pode apresentar. Isso gera um ambiente escolar pouco acolhedor, em que a criança com deficiência pode se sentir marginalizada, e o próprio professor, sobre carregado e sem

as ferramentas necessárias para oferecer o suporte adequado.

Além disso, a falta de apoio especializado nas escolas, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e assistentes especializados, agrava ainda mais essa situação. E esse cenário não se limita às escolas públicas: escolas privadas também enfrentam essa carência.

No ano passado, em São Caetano do Sul/SP, uma mãe nos relatou que sua filha autista, de 6 anos, teve uma crise na escola e começou a bater a cabeça na parede. A diretora, a professora e a auxiliar optaram por não intervir, com medo de possíveis processos, e ligaram para a mãe, que teve que buscar a filha. Ao chegar, encontrou a criança batendo a cabeça contra a parede na sala da diretora, enquanto os adultos apenas observavam. A mãe, indignada, retirou a filha da escola, que felizmente não sofreu grandes ferimentos. Mas quem gostaria de pagar uma escola que sequer tem empatia para lidar com uma crise de uma criança?

Outro ponto importante é a pressão sobre os pais. Muitos enfrentam uma luta constante para garantir a educação de seus filhos, buscando escolas que os aceitem e ofereçam algum suporte. No entanto, se a escola não tem profissionais qualificados ou estratégias adequadas para lidar com as especificidades do autismo, os pais acabam se sentindo desesperados, sem saber a quem recorrer. A frustração é palpável, pois a inclusão escolar, em vez de ser um processo de crescimento e adaptação, acaba se tornando um constante sofrimento para todos os envolvidos.

Além disso, a violência que algumas crianças com autismo de grau 3 podem manifestar é uma realidade difícil de ser enfrentada. Em casos de agressões, como o ocorrido na semana passada em São Paulo, surge a pergunta sobre como lidar com esse comportamento. Não existem soluções mágicas. O comportamento agressivo pode ser um reflexo de sobrecarga sensorial, dificuldades de comunicação ou frustração devido à falta de estratégias adequadas de manejo. Quando esses episódios acontecem, a escola se vê em um dilema: como garantir a segurança de todos, ao mesmo tempo em que oferece um ambiente educacional inclusivo? A abordagem punitiva e a exclusão não são soluções ideais, pois desconsideram as causas subjacentes do comportamento da

criança. Em algumas escolas, os professores optam por mandar as crianças para o pátio. Mas o que aconteceria se houvesse cinco ou mais crianças autistas em crise, com ninguém para supervisioná-las na quadra?

A solução para esses conflitos exige uma mudança profunda, que inclua a capacitação contínua dos educadores, a presença de profissionais especializados nas escolas e a construção de um ambiente escolar que respeite a individualidade de cada criança. A formação dos professores deve englobar não apenas aspectos pedagógicos, mas também emocionais e comportamentais, para que saibam lidar com situações de crise. Além disso, é essencial que as escolas promovam um trabalho conjunto entre pais, professores e especialistas, criando estratégias de intervenção para minimizar o impacto dos comportamentos agressivos e melhorar a convivência. Na verdade, toda a comunidade escolar deve se envolver com as famílias para promover o respeito mútuo e combater o “bullying” de forma firme e eficaz.

Quando uma criança com autismo apresenta episódios de agressão, é fundamental que a escola tenha protocolos claros e bem definidos, com acompanhamento de profissionais de saúde especializados, além de práticas de ensino e convivência adaptadas. A inclusão só será verdadeira quando todos os envolvidos entenderem que a adaptação é um processo contínuo, que exige paciência, compreensão e, acima de tudo, respeito à diversidade humana.

Por fim, é importante lembrar que a inclusão não significa simplesmente “jogar” a criança na sala de aula regular, mas criar as condições necessárias para que ela possa aprender, socializar e se desenvolver de acordo com suas necessidades, sem ser excluída ou marginalizada por seu comportamento ou deficiência. Só assim a inclusão poderá, de fato, beneficiar tanto a criança com deficiência quanto toda a comunidade escolar. Além disso, é necessário que os pais de crianças típicas entendam o que os pais de crianças atípicas vivem, suas batalhas por igualdade, aceitação e, principalmente, solidariedade, reconhecimento e empatia. Essa é uma batalha longa, pois é difícil se ver no outro. No fim, todas as crianças, sem exceção, precisam estar em harmonia na sala de aula para que haja aprendizagem com prazer e respeito mútuo.

Além disso, deve-se refletir-se que a Lei Brasileira de Inclusão (Art. 28, parágrafo único) defende que a inclusão deve ser realizada de forma progressiva, o que implica que a criança, quando necessário, pode ser transferida para escolas ou classes especializadas. No caso das crianças

com AUTISMO GRAU 3, a LBI não obriga que elas permaneçam exclusivamente nas salas regulares, especialmente quando isso comprometer a segurança ou o bem-estar da criança e dos demais alunos. Ainda há muito que trabalhar no cenário da educação inclusiva. 🎉



Cleusa Mangueira Sonnewend

é professora universitária, psicopedagoga, especialista em TEA - Transtorno do Espectro Autista e Diretora Financeira do Instituto Humanus para Pessoas com Deficiência.
Site: www.institutohumanus.org.br

GRUPO DE APOIO À PESSOAS COM DEPRESSÃO, ANSIEDADE E PÂNICO
Mais de 12 mil vidas impactadas.

GAPDAP desenvolve projetos na área de saúde mental com o intuito de ajudar pessoas que passam por problemas como depressão, ansiedade e pânico.

PALESTRAS
Palestras de Responsabilidade Social e Motivacional.

ATENDIMENTO
GAPDAP realiza atendimentos individuais.

ACOLHIMENTO
GAPDAP realiza grupos de apoio psicológico.

MARCELO VILAS BOAS
Presidente.

LIVROS
Atendimento empresarial, Igrejas, escolas, associações

APOIADORES
COLABORADORES

CONHEÇA MAIS SOBRE NOSSOS PARCEIROS
WWW.GRUPOGAPDAP.COM.BR
(11) 95377-4041
Av. das Altotas 16 - Cid. Patriarca - São Paulo - SP



Bora turistar ?

Residir em cidade grande é ótimo, temos todos os serviços durante as 24h. Embora com toda estrutura que uma cidade grande oferece e aliado às nossas obrigações, sem perceber ficamos pilhados e logo pensamos nas tão sonhadas férias !

E assim foi mais uma experiência que vivi, depois de um período de muito trabalho e dedicação, percebi que estava cansado e precisava de algo que renovasse as minhas energias.

Decidi que minhas férias seriam diferentes: queria viver na prática aquilo que tantas vezes refleti e defendo: a importância da acessibilidade !

Foi então que comecei a pesquisar destinos turísticos que oferecessem condições adequadas para pessoas com deficiência. Confesso que o meu objetivo era sair de São Paulo, viajar de avião, conhecer pessoas e resenhar à beira mar.

Para minha surpresa, não precisei ir tão longe. Bem perto de mim estava a



cidade de Santos/SP, no litoral sul do estado, que me proporcionou uma experiência inesquecível.

Desde a chegada, percebi que Santos/SP carrega um olhar diferenciado para a inclusão. As calçadas eram largas, com rampas bem localizadas e pisos táteis que orientavam com eficiência. As praias também apresentavam estruturas acessíveis, permitindo que cadeirantes pudessem chegar até o mar com tranquilidade e segurança.

É óbvio que não é tudo perfeito, mas para mim, que tantas vezes encontrei barreiras em diferentes lugares, foi emocionante viver uma realidade em que a acessibilidade realmente existia.

Mas, o que mais me surpreendeu não foi apenas a infraestrutura física. O que fez a experiência ser única foi o atendimento das pessoas. Em cada espaço que visitei, encontrei profissionais preparados, atenciosos e, acima de tudo, empáticos.

Acessibilidade não se limita a rampas ou equipamentos; mas na forma como somos recebidos, tratados e respeitados. Essa atitude inclusiva me trouxe confiança e fez com que eu me sentisse verdadeiramente acolhido: é assim que a acessibilidade se consolida !

Durante toda a viagem me senti seguro para circular pela cidade, participei das atividades, aproveitei cada momento sem

medo de barreiras inesperadas. Essa sensação de liberdade não tem preço, é como uma criança pulando nos braços do seu pai, confiante que estará segura independente da altura. Infelizmente essas experiências não estão ao alcance de milhões de pessoas com algum tipo de deficiência no dia-dia.

Essa experiência me levou para a seguinte reflexão: o turismo acessível não é apenas um direito, é também uma oportunidade de desenvolvimento econômico.

Cidades que se preparam para receber pessoas com deficiência, idosos, obesos e famílias com crianças, se tornam destinos competitivos, ampliam sua rede de visitantes e geram benefícios para toda a população.

No Brasil, segundo dados do IBGE, mais de 18 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência. Se somarmos a elas seus familiares e acompanhantes, estamos falando de um público gigantesco, com potencial de consumo, que busca viajar, conhecer lugares novos e viver momentos de lazer.

Quando uma cidade investe em acessibilidade, ela não apenas garante dignidade, mas também fortalece sua economia: gera empregos no setor hoteleiro, nos restaurantes, nos transportes, nas agências de turismo, no comércio local e até na produção cultural.

Além disso, é importante lembrar que acessibilidade não beneficia apenas quem tem deficiência. Ela favorece idosos, famílias com crianças pequenas e qualquer pessoa que, em algum momento, enfrente uma limitação temporária. Em outras palavras, investir em acessibilidade é investir em qualidade de vida e em um turismo que acolhe a todos.

Minha viagem a Santos/SP foi um

divisor de águas. Não foi apenas um descanso de férias, mas uma vivência que me mostrou, na prática, que o turismo acessível é possível e transformador. Foi uma experiência que me renovou e me trouxe ainda mais a certeza de que a acessibilidade precisa ser tratada como prioridade em qualquer destino.

Voltei com a convicção de que o tu-

rismo acessível gera não só inclusão, mas também desenvolvimento sustentável. Ele promove dignidade, gera oportunidades e mostra que quando a sociedade se abre para todos, todos ganham.

Ter a dignidade de viver com acesso é salutar, e nos renova em reflexões por um futuro em que a diversidade humana seja a gênese das oportunidades. 



Salomão Jr

é pessoa com deficiência, cadeirante e Bacharel em turismo. Especialista em gestão de pessoas e ex-secretário da pessoa com deficiência de Osasco/SP.
E-mail: salospalt7@gmail.com



INSCRIÇÕES ABERTAS!

TRANSFORMANDO VIDAS PELO CONHECIMENTO®

Rio TEAMA
CAMPOS DO JORDÃO

SAVE THE DATE
09 a 11 / OUT.

AUDITÓRIO CLAUDIO SANTORO
Avenida Dr. Luis Arrobas Martins, 1880
Campos do Jordão - SP 12460-000 Brasil

REALIZAÇÃO
JG EVENTOS

RIO TEAMA

Aponte a câmera do seu celular para esse QR CODE e garanta já a sua inscrição.

A empatia nos tempos atuais



Ao longo de 37 anos de formação em Terapia Ocupacional, atuei na área da Reabilitação de pessoas com deficiência visual (até hoje) e também na deficiência intelectual e psiquiatria. Presenciei diversas mudanças nesses tempos nos métodos de tratamento, mudanças de terminologias, adaptações, algumas abordagens e muitas coisas continuam em transformação. Vários termos na área da deficiência, sabiamente foram substituídos para uma melhor compreensão de quem somos. No entanto, alguns termos que usávamos sem nenhum problema, hoje podem ser considerados pejorativos. Algumas expressões que antes eram comuns, até carinhosas, hoje podem ser interpretadas como ofensa (ou mal interpretadas, eu diria).

É uma desafiante tarefa hoje em dia, sermos compreendidos na exatidão do que queremos comunicar. Para isso, é interessante a conversa, o diálogo, termos o conhecimento de quem é a pessoa com quem estamos nos relacionando e seu histórico, características e, assim, podemos compreender e sermos compreendidos, por sermos conhecidos, não mais desconhecidos. Isso é importante no relacionamento com uma equipe multidisciplinar de uma Instituição ou trabalhos, em que cada um tem sua especificidade e características de comunicação... mas, com objetivos em comum. Não apenas as terminologias, mas algumas abordagens de atuação podem ser diferentes entre um profissional e outro.

Muitos assuntos tratados em Encontros, Congressos, Simpósios, nacionais e internacionais, Comissões ou reuniões de militância, foram - e ainda são - debatidos com muitos desafios sobre a acessibilidade urbana/social em diversos setores. São longas discussões e pesquisas, pois, o que servia para uns, nem sempre era adequado para outros. A guia rebaixada nas esquinas das calçadas, por exemplo. Para um usuário de cadeira de rodas

(comumente chamado de "cadeirante", até por eles mesmos muitas vezes) é excelente, mas não para pessoas com deficiência visual. Faz-se necessário uma sinalização - piso tátil - para sinalizar essa guia. Os ajustes foram sendo feitos em discussões com representantes de cada setor. Esses assuntos sobre acessibilidade são permanentes, mesmo o tempo passando.

As novas gerações que chegam, com pouca ou nenhuma experiência, necessitam de informações, para também entenderem o contexto do mundo em que vivemos. Muitas estratégias de ensino mudaram, mas muitas ainda são necessárias para sensibilizar as pessoas, conscientizá-las sobre (D)eficiência, abordando temas sobre a realidade.

Nesses anos todos de experiência, observei estratégias e resultados. Observei a importância da técnica, da teoria, mas quando são regadas com vivências, sentimentos, os resultados são incomparavelmente melhores/maiores. Contribuir para conhecimento não implica apenas proporcionar estudos, teorias e apresentar pesquisas fundamentadas. Tudo isso é importante, mas também é importante a famosa e especial "empatia". Nesse contexto, ela é facilitada pela prática, pelas experiências e vivências. Ressalto que nem sempre é óbvio, mas o "se colocar no lugar do outro" – empatia – não é estar "no" lugar do outro. O outro vive 100% ele mesmo, com características, reações, sentimentos próprios, dificuldades e/ou alguma limitação. A estratégia é para que uma pessoa tenha uma ideia, mesmo que básica, de como o outro pode se sentir. Promove sentimentos, reflexões, revisões de valores e condutas.

Nas universidades, em aulas sobre Disfunções Sensoriais, temos diversos conteúdos e práticas. Em Especializações, temos vivência dentro das 360 horas em situações de limitação visual, por exemplo. Práticas que contribuem para o entendimento e formação.

Quando "vivenciamos", mesmo que por alguns momentos, algumas situações que nos limitam a enxergar (ouvir, andar, outras) ativamos uma parte do nosso cérebro de como agir (ou não agir) durante esse período, aguçando outros sentidos, mas o mais importante é compreendermos e aprendermos, mesmo de maneira limitada, como nos comportar ou nos relacionar com o outro, pois não foi apenas uma teoria, mas sim, uma prática !

Um exemplo: em uma das vivências realizadas com um grupo que iria acompanhar pessoas com deficiência visual em um evento - uma moça, andando pela universidade, com venda nos olhos, foi guiada de forma inadequada por outra do grupo - o que



Sueley Carvalho de Sá Yanez é Terapeuta Ocupacional especializada em Orientação e Mobilidade para pessoas com deficiência visual e atua na área de reabilitação e Consultoria especializada.
E-mail: suelydesa@hotmail.com



gerou sentimento de insegurança e medo. Quando ela foi guiada adequadamente, de acordo com as “regras de bom acompanhamento”, sentiu-se mais segura e confiante. O resultado foi que, por ter vivenciado essa situação, ela entendeu que uma ação de ajuda pode repercutir de maneira muito positiva ou negativa na abordagem com o outro. A experiência dela foi a mesma de todos os participantes. Mudanças de condutas e conceitos são relatadas em uma rica conversa. São marcas emocionais que selam o aprendizado. Nesses cursos sempre têm pessoas com deficiência visual e baixa visão, que não apenas apoiam, mas também contribuem durante o processo. É uma experiência gratificante!

Considero a importância da formação acadêmica, da extensão universitária, especialização, cursos, atualizações, mas... o fundamental é sabermos que lidamos com pessoas, seres humanos, em todo o tempo. É sabermos que antes de olharmos para a bengala do outro (se é branca, verde ou vermelha e branca), devemos olhar para a pessoa que está por trás dela e perguntar se deseja ser ajudada e como podemos ajudá-la.

Concluindo: esse assunto não se esgota aqui... Temos muitas barreiras arquitetônicas para lidar, mas a principal barreira que existe em muitos lugares não é a arquitetônica, mas a atitudinal. Nossas atitudes com o outro, com empatia, resolvem muitos obstáculos. 🌟

Lançamento: Livro Mavel ! O Bem é mais forte, em Portugal e no Brasil.

Olá, caros leitores ! Em junho me apresentei vários dias com sucesso nas Feiras do Livro de Lisboa, de Coimbra e de Aveiro – Portugal – com o lançamento do meu livro “Mavel ! O Bem é mais forte”, da Infinita Editorial, de Portugal.

Depois de muitos anos resolvi dar destaque à minha personagem da bruxa Mavel, pois ela sempre conquistou o público em todos os lugares em que me apresentei e para todas as idades, desde crianças, jovens, adultos e a terceira idade.

O livro contém a história da Mavel tentando aprontar com as irmãs princesas - Maria Rosa III e Elzinha II - uma homenagem que fiz à minha mãe Elza, diretora de camarim dos meus shows.

Enfatizei nesse novo livro, que o mal existe, mas o bem é mais forte, e a inclusão e acessibilidade nas atividades educativas reforçando a interação da garotada, para tentar assim, despertar um maior interesse deles pela leitura e menor contato com tablets e celulares.

Também aparecem os personagens da Fada Lindavel, Cacique 3 Penas, a Fada Anyl, a Clarina - que é deficiente



visual - e o Rei Flávio, onde fiz uma homenagem ao meu pai Flávio (em memória), que era produtor da Gravadora Continental e desde os meus 3 anos de idade, eu o acompanhava nas gravações de rádio e TV. Ele e minha mãe me incentivaram a aprender a tocar violão e a cantar quando eu tinha 7 anos, pois sempre gostei muito de música e teatro.

Estamos vivendo momentos muito difíceis de brigas, violência, guerras e incertezas de um futuro melhor para todos e principalmente para as crianças de hoje, que tem pouco contato com brincadeiras divertidas, desenhos puros e engraçados. Isso tudo me preocupa muito, por isso, sinto como uma missão tentar resgatar a pureza da infância.

Em breve irei iniciar no Brasil o lançamento do livro Mavel, e conto com o apoio de vocês para me ajudarem a divulgar os meus livros, as músicas nas plataformas digitais, os episódios de TV e os programas de rádio, e assim somarmos positivamente.

Um grande beijo da Celelê ! 🌟



Celise Melo (Celelê)

é cantora, compositora, musicoterapeuta, atriz, educadora, autora e é sucesso de público no Brasil e Exterior. Tem Livros, EPs, DVDs, Shows, Vídeos, Músicas, Programas de TV Educativo e de Rádio Arte e Inclusão!
Site: www.celeleeamigos.com.br
Instagram: @celeleeamigos

Braile 200 anos: a revolução que veio das mãos

Como o mercado privado transformou seis pontos em relevo na solução mais eficiente e econômica para a inclusão educacional no Brasil



Em 1825, um jovem francês transformou seis pontos em relevo em portas para o mundo. Aquilo que cabia na ponta de um dedo abriu caminhos para que milhões de pessoas pudesse ler, escrever e sonhar. Duzentos anos depois, o braille permanece não apenas como um sistema de escrita, mas como um instrumento de liberdade. E no Brasil de 2025, uma revolução silenciosa prova que este sistema bicentenário não apenas sobreviveu ao teste do tempo – ele se reinventou, ganhou escala industrial e, surpreendentemente, tornou-se mais econômico que as alternativas digitais.



A celebração deste bicentenário coincide com um momento histórico único. Pela primeira vez, o Brasil possui capacidade produtiva, tecnologia e expertise para garantir que nenhuma criança cega fique sem livro. Mas o caminho até aqui revela uma história de transformação radical que poucos conhecem: como a entrada do mercado privado foi o catalisador que permitiu saltar de uma produção fragmentada de menos de 10 milhões de páginas anuais em 2020 para impressionantes 65 milhões em 2025, um crescimento de 550% em apenas 5 anos.

Segundo a OMS - Organização Mundial da Saúde, mais de 2,2 bilhões de pessoas vivem hoje com algum grau

de deficiência visual no mundo. No Brasil, são 14,4 milhões de pessoas, sendo 7,9 milhões com dificuldade de enxergar mesmo com correção óptica, de acordo com o Censo IBGE. Anderson Sampaio, diretor de Ações Educacionais do FNDE (DIRAE-FNDE), comentou na Expo Braille 2025 sobre o desafio de identificar e atender no tempo certo as mais de 44 mil crianças cegas matriculadas na Educação Básica. Elas estão espalhadas por 145 mil escolas públicas e privadas em todos os estados, configurando um desafio logístico monumental que exige soluções em escala, eficiência e qualidade.

É neste contexto que a entrada decisiva do setor privado mudou o jogo. A FastBraille, hoje o maior ecossistema braille da América Latina, responde sozinha por 50 milhões das 65 milhões de páginas produzidas anualmente no país. Este não é apenas um número impressionante: é a prova de que o investimento privado em tecnologia, equipamentos de última geração e formação de equipes especializadas pode transformar um setor antes visto como assistencialista em uma indústria robusta e competitiva.

A disruptão que veio do Mercado

A transformação do setor braille no Brasil não aconteceu por acaso. Foi resultado direto de uma visão empresarial que enxergou oportunidade onde outros viam apenas custo social. A história recente do país mostra que quando o mercado privado assume desafios públicos com visão de escala, como ocorreu na telefonia, que saltou de 4 milhões de linhas fixas em 1998 para mais de 280 milhões de celulares hoje, ou na internet banda larga, que saiu da inexistência para conectar 90% dos lares brasileiros, o impossível se torna realidade. Roberto Maluhy Jr, presidente da FastBraille, aplica essa mesma lógica ao explicar a mudança de paradigma: “A produção em braille deixou de ser vista como uma atividade artesanal e passou a ocupar o lugar de um setor estruturado, capaz de atender a demandas de larga escala e ao mesmo tempo preservar qualidade editorial e rigor linguístico.”

Esta transição trouxe inovações fundamentais. A empresa implementou processos certificados internacionalmente, investiu em equipamentos modernos com insumos FSC® em atenção ao meio-ambiente, e, talvez o mais importante, criou empregos especializados para pessoas cegas na revisão dos materiais. O re-

“A lição mais importante destes 200 anos ecoa outras transformações brasileiras: assim como fizemos com telefonia e internet, quando o mercado privado abraça causas sociais com visão empresarial e investimento em escala, transforma o impossível em realidade. O Brasil de 2025 tem tecnologia, capacidade produtiva e expertise para garantir que nenhuma criança cega fique sem livro e, com ele, a autonomia, a igualdade de oportunidades e a autoestima, fundamentais para desenvolver seu potencial e cidadania. O desafio agora é transformar essa capacidade em política de Estado, garantindo continuidade e previsibilidade.”



sultado é um sistema ágil, competitivo e conectado às necessidades reais do dia a dia, que produz não apenas livros didáticos, mas também cardápios, contratos, certidões, manuais de instrução, contas de consumo, anuários e relatórios empresariais, além de uma linha editorial especializada em materiais para alfabetização e letramento para pessoas cegas.

A escala alcançada permitiu algo antes impensável: tornar o braille economicamente competitivo. Com a capacidade atual de 50 milhões de páginas anuais apenas na FastBraille, o custo unitário despencou, viabilizando projetos que antes eram considerados impossíveis. O PNLD - Plano Nacional do Livro Didático 2024-2025 é prova disso: assegurou a entrega de livros braille-tinta para mais de 3 mil estudantes do Ensino Fundamental, com 100% de distribuição confirmada pelo FNDE já no primeiro semestre letivo de 2025. Este resultado representa mais do que números: simboliza o cumprimento de um direito constitucional e uma vitória histórica para milhares de



famílias. Ainda assim, permanecem desafios importantes: a formação de professores em braille ainda é insuficiente, a logística de distribuição para escolas remotas segue complexa, e muitas instituições carecem de profissionais especializados no Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O deputado Duarte Júnior (PSB-MA), presidente da Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência da Câmara dos Deputados, reconhece o impacto desta transformação: “O fornecimento contínuo de materiais em braille para estudantes da rede pública de ensino contribui para a construção de um país mais moderno e inclusivo, no qual o direito à leitura, à educação e à cidadania seja assegurado a milhões de brasileiros com deficiência visual.”

O Mito do Digital: por que o braille é mais barato

Um dos equívocos mais persistentes quando se discute acessibilidade é a ideia de que o livro digital seria mais barato e prático do que o livro em braille. À primeira vista, pode parecer uma solução simples: em vez de imprimir,

basta entregar um arquivo digital. Mas quando se colocam todos os custos e implicações na balança, a realidade mostra-se surpreendentemente diferente.

O livro em braille é produzido uma vez e pode ser utilizado por muitos anos, correspondendo ao ciclo de vida médio de um livro escolar. Ele é tangível, não depende de equipamentos, servidores ou licenças, e pode ser compartilhado entre alunos de diferentes turmas e anos. Já o livro digital acessível exige uma infraestrutura tecnológica cara e permanente: plataformas de distribuição com controle de acesso, sistemas de validação de direitos autorais, dispositivos adequados (computadores, tablets, leitores de tela), além de atualizações constantes para se manter funcional. Na prática, o custo acumulado ao longo de 5 anos supera o da produção em braille.

Mas há um aspecto ainda mais fundamental que transcende a questão econômica. Estudos de neurociência comprovam que o toque ativa áreas do cérebro que o som não alcança, tornando a leitura tátil insubstituível na alfa-



“ O que os dedos aprendem, ninguém desaprende. Ler com as mãos é escrever o futuro de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática. ”

betização e no desenvolvimento da autonomia intelectual. Fórmulas matemáticas, gráficos, mapas e diagramas só podem ser compreendidos plenamente pelo tato. O áudio ou a leitura em tela não oferecem a mesma autonomia intelectual que os seis pontos em relevo.

Como enfatiza Geni de Abreu, representante da Comissão Brasileira do Braille: “O braille é insubstituível porque é o único caminho que assegura à pessoa cega a plena alfabetização, a autonomia intelectual e a verdadeira apropriação do conhecimento.”

No Brasil de 2025, o argumento de que “o braille é caro demais”, definitivamente perdeu fundamento. Com ganhos de escala, avanços tecnológicos e capacidade produtiva instalada, o país já provou que consegue atender à demanda nacional em tempo e em qualidade, a custos competitivos. Hoje, braille e digital não são concorrentes, mas complementares. Porém, quando se trata de garantir alfabetização plena e custo-benefício a longo prazo, o braille permanece único e, surpreendentemente, mais econômico.

O Futuro que já começou

O ano de 2025 marca não apenas o bicentenário do Sistema Braille, mas também o momento em que o Brasil se posiciona como líder na produção em escala deste sistema de escrita. Em maio, São Paulo/SP sediou a Mobility & Show + Expo Braille 2025, maior evento com temática braille do país, reunindo mais de 7 mil visitantes em 3 dias de programação gratuita. Entre 1º e 5 de setembro, a capital paulista receberá o World Blindness Summit 2025, com a Assembleia Geral da World Blind Union, consolidando o país como protagonista global na discussão sobre acessibilidade.

A esfera institucional acompanha esta evolução. No Congresso Nacional, tramitam projetos de lei que buscam ampliar a presença do braille em contratos bancários, contas de consumo, certidões cartoriais, cardápios, rótulos de produtos e prateleiras de supermercados. A Câmara dos Deputados criou um Grupo de Trabalho para consolidação da Legislação Brasileira de Inclusão, discutindo propostas como a distribuição simultânea de livros regulares e em braille e a criação de acervos acessíveis em bibliotecas.

O futuro da leitura será multimodal: tablets, softwares leitores de tela e audiolivros ampliam o acesso e democratizam o conhecimento, mas não substituem a experiência tátil que possibilita alfabetização plena. Braille e digital caminham juntos, não em oposição. O sistema criado há dois séculos segue sendo a única forma de uma pessoa cega ler e escrever de verdade.

Celebrar o bicentenário do Sistema Braille é reconhecer que a verdadeira inclusão não acontece por decreto ou boa vontade, mas por meio de soluções escaláveis, economicamente viáveis e tecnologicamente avançadas. É a prova de que, com a abordagem certa, o que era visto como custo social pode se tornar um modelo de negócio sustentável que transforma vidas. 🌐

11º Encontro Mundial da Deficiência Visual



Pela primeira vez a América Latina será palco do 11º Encontro Mundial da Deficiência Visual, também conhecido

como World Blindness Summit, que acontece de 1º a 5 de setembro de 2025, no Centro de Convenções do Distrito Anhembi, em São Paulo/SP, reunindo lideranças, especialistas, ativistas, familiares e profissionais de mais de 190 países.

No Brasil, o evento será organizado pela UMC - União Mundial de Cegos e pela ONCB - Organização Nacional de Cegos do Brasil, em parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro e a Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais.

O encontro tem como missão promover a inclusão, autonomia, acessibilidade e igualdade para pessoas com deficiência visual em escala global e será aberto a toda a sociedade, voltado a pessoas cegas e com baixa visão, suas famílias, educadores, profissionais da inclusão, acessibilidade, reabilitação, defesa de direitos e demais interessados na causa, e vai contar com tradução simultânea: Disponível em português, inglês, francês e espanhol. O evento vai contar com transporte acessível, voluntários de apoio, salas multissensoriais e estações de carregamento para dispositivos.

Durante 5 dias de programação, o evento será dividido em três grandes pilares: Congresso Técnico-Científico, Feira Internacional de Tecnologia Assistiva e Assembleia Geral da União Mundial de Cegos.

Umas das principais atrações do evento será a participação especial da Cia Ballet de Cegos da Associação Fernanda Bianchini, que terá um espaço próprio com apresentações diárias que abrilhantarão o evento, além de uma grande área tátil com a temática do ballet.

Mais informações pelo site:
mundialdedeficienciavisual.com.br

Acampar para Acolher: lazer inclusivo e terapêutico !

Em meio ao caos urbano, o camping se torna uma alternativa de lazer inclusivo e terapêutico para pessoas no espectro autista e seus familiares



Enquanto muitas famílias encontram diversão em shoppings, parques de diversões ou zoológicos, para aquelas que têm filhos no espectro autista (TEA) esses passeios podem se transformar em um verdadeiro desafio. Em cidades barulhentas como São Paulo/SP, onde aglomerações, filas, sons constantes e estímulos visuais se multiplicam, momentos de lazer pode significar estresse, crises e frustração.

O impacto nas famílias

Foi em meio a esse cenário que Fabiana, moradora da cidade de São Paulo/SP e mãe de Davi, hoje com 13 anos e diagnosticado com TEA, descobriu no camping um espaço de liberdade para o filho e também um refúgio para si mesma.

A decisão surgiu em uma fase difícil: Davi enfrentava crises contínuas, noites em claro e sobrecarga sensorial, enquanto ela se sentia esgotada física e emocionalmente. "Busquei no camping um lugar de respiro. Estava exausta e tinha receio de como Davi reagiria. Mas encontrei acolhimento, acessibilidade e, principalmente, um ambiente onde meu filho podia ser ele mesmo", conta a mãe.

Ela conta que, no local, Davi teve contato com animais, nadou na piscina, balançou na rede e até saboreou marshmallows na

fogueira. Mesmo sem falar, conseguiu se conectar com os campistas, que demonstraram interesse genuíno em interagir com ele. "As crises que se repetiam quase todos os dias, ali não aconteceram. O sorriso tomou conta do rosto do meu filho. Foi um dos passeios mais prazerosos que fizemos juntos nos últimos tempos", relata Fabiana.

Para ela, a experiência trouxe não apenas bem-estar para o filho, mas também uma sensação rara de paz: "É totalmente possível acampar com uma criança autista, mesmo em nível 3. E eu recomendo, porque encontrei ali um espaço de liberdade e pertencimento para o Davi."

Os benefícios de acampar para pessoas com TEA

Acampar oferece uma oportunidade única para pessoas no espectro autista (TEA) se conectarem com a natureza e desenvolverem habilidades essenciais em um ambiente controlado e acolhedor. Pesquisas indicam que a exposição à natureza proporciona benefícios sensoriais, emocionais e sociais para crianças com TEA. O contato com ambientes naturais pode melhorar a regulação emocional, reduzir comportamentos desafiadores e promover a interação social de forma mais eficaz do que ambientes urbanos tradicionais.

A natureza oferece estímulos sensoriais suaves e previsíveis, que podem ajudar na redução da sobrecarga sensorial frequentemente experimentada por crianças com TEA. Além disso, atividades ao ar livre, como caminhadas e brincadeiras, favorecem o desenvolvimento motor e a autonomia, enquanto o ambiente tranquilo contribui para a diminuição da ansiedade e o fortalecimento dos vínculos familiares.

O nascimento do Projeto AcampaNeuro

Histórias como a de Fabiana e Davi refletem o propósito do Projeto AcampaNeuro, criado por Mayra Rocha, psicóloga especialista em Transtornos do Neurodesenvolvimento e mãe atípica. Ela tem TDAH, é mãe de Luna, diagnosticada com TEA, e de Theo, que também tem TDAH.

Sua vivência pessoal e profissional a inspirou a transformar o contato com a natureza em uma ferramenta de inclusão. Assim nasceu o AcampaNeuro: um projeto voltado especialmente para adultos neurodivergentes e suas famílias.

A proposta é criar experiências de imersão em que cada detalhe é planejado para acolher, respeitar e celebrar a diversidade. Para Mayra, o contato com o ambiente natural vai muito além da diversão: “Silenciar a mente também é cuidado”, resume.

Mais do que passeio, o acampamento se torna uma oportunidade de reconectar corpo, mente e coração. Uma pausa que ressignifica o lazer em família.

Um camping que acolhe

Em conversa com um dos proprietários de um camping na cidade de Mairiporã/SP, na região metropolitana da capital paulista, ele contou o quanto é enriquecedor atender pessoas atípicas. Algo que antes era distante, só de ouvir falar, agora tornou-se cotidiano desde que inaugurou o camping há pouco mais de um ano.

Esse contato mais próximo o faz querer conhecer e aprender cada vez mais, buscando tornar o ambiente mais inclusivo e humanizado.

O proprietário e sócio do camping, Fernando Rodriguez, compartilha: “Receber famílias aqui sempre é especial, mas algumas experiências nos transformam de verdade. Tivemos a alegria de acolher uma família atípica, cheia de amor e sensibilidade. O filho, no espectro autista (TEA) e acostumado a crises, aqui nos surpreendeu: vimos uma redução significativa desses episódios. O contato com a natureza, aliado ao carinho e respeito, fez com que ele relaxasse e pudesse ser ele mesmo. A irmã também se abriu ao espaço de um jeito lindo, mostrando que esses momentos vão muito além da hospedagem. Demonstrando que não é apenas o autista que precisa de acolhimento, mas sim toda a família. Aqui, cada detalhe é pensado para oferecer dignidade, respeito e afeto. A natureza ensina a silenciar, respirar e trocar energia boa. Mais do que espaço, oferecemos acolhimento verdadeiro. A nossa missão é fazer do Camping Mairiporã um lugar onde famílias podem descansar, se emocionar e viver experiências únicas. É por histórias assim que seguimos acreditando: o camping pode transformar vidas”.

Muito além do lazer

O impacto é visível. Não se trata de uma saída casual, como ir ao shopping ou a uma rede de fast-food. No camping, cada mo-



Dicas para acampar com pessoas no espectro autista (TEA)

1 - Escolha o local com cuidado: prefira campings mais afastados de grandes centros, com áreas silenciosas, natureza preservada e menor fluxo de pessoas.

2 - Leve itens de conforto: cobertor favorito, fones abafadores de som, brinquedos sensoriais ou qualquer objeto que traga segurança podem fazer toda a diferença.

3 - Respeite o ritmo da criança: não tente preencher a programação com muitas atividades. O tempo livre, sem cobranças, é parte essencial da experiência.

4 - Pergunte sobre acessibilidade: antes de ir, confirme com o camping se há estrutura de banheiros adaptados, áreas tranquilas e abertura para necessidades específicas.

5 - Transforme a experiência em aprendizado: aproveite o contato com a natureza para criar momentos simples: olhar as estrelas, acender a fogueira, ouvir os sons dos animais.

6 - Tenha uma rede de apoio: sempre que possível, vá com familiares ou amigos. Compartilhar a experiência reduz a sobrecarga e aumenta o acolhimento.

mento é intenso, carregado de trocas e experiências únicas. São vivências em que famílias atípicas são acolhidas, respeitadas e ouvidas, recebendo o tratamento digno que merecem. Mais do que diversão, o acampamento se mostra como um caminho de inclusão e saúde mental. Um espaço convidativo para que todos possam viver, simplesmente, a liberdade de ser quem são. 🌟



Sabrina Daniela da Silva
é Psicopedagoga, MBA em Jornalismo Digital, cursando Produção Publicitária e é mãe atípica.
Email: comunica.sah@gmail.com

Teoria das Cores Inteligentes: estudo em neurociência cognitiva aplicada à educação



Acor não é apenas estética: é linguagem do cérebro. Criamos uma “Cartilha Ético-Afetiva em Teoria das Cores”, associando “inteligências - uso das cores”. A proposta nasceu de uma pergunta: “Será que a IA, quando escolhe paletas de cores, repete padrões humanos de cognição ?”

Com base em estudos de neurociência, psicologia das cores e história da arte, elaboramos uma “Classificação Experimental em Teoria das Cores”, estruturada como um mapa científico-poético. O objetivo não é impor verdades absolutas, mas abrir espaço para debate, experimentação e consciência estética.

Influência e Uso das Cores

AZUL - Inteligência Elevada (INTELIGÊNCIA +++)

- **Ciência:** Estudos (Mehta & Zhu, 2009) mostram que o azul estimula criatividade, foco e memória de trabalho.
- **História:** Foi cor de reis e deuses (Egito, Bizâncio), além de representar grandes projetos de engenharia (“blueprints”).
- **IA:** Recorrente em interfaces digitais, reforçando lógica, confiabilidade e clareza.

VERDE - Inteligência Funcional (INTELIGÊNCIA ++)

- **Ciência:** Relaxa e favorece aprendizado em ambientes de estudo (psicologia ambiental). Também associado à recuperação da saúde.

- **História:** Vitalidade e regeneração na alquimia e na medicina medieval.

- **IA:** Cor padrão de aprovação e equilíbrio em sistemas digitais.

ROXO - Inteligência Intuitiva/Associativa (INTELIGÊNCIA +/-)

- **Ciência:** Estimula imaginação e criatividade, mas pode gerar dispersão.
- **História:** Mistura do racional (azul) e do passionar (vermelho), sempre ligado ao místico e filosófico.
- **IA:** Usado em artes digitais, design experimental e plataformas criativas.

VERMELHO - Inteligência Instintiva/Energética (INTELIGÊNCIA +/ -)

- **Ciência:** Aumenta atenção e vigilância, mas prejudica tarefas complexas.
- **História:** Poder, guerra e alerta – da Roma imperial à sinalização de trânsito.
- **IA:** Aplicado em notificações de erro, urgência ou paixão.

AMARELO - Inteligência Criativa/Volátil (INTELIGÊNCIA +/-)

- **Ciência:** Estimula otimismo, inovação e pensamento divergente, mas pode gerar ansiedade.
- **História:** Explosão de ideias, do ouro iluminado medieval a Van Gogh.
- **IA:** Chama a atenção em UX e experimentos visuais.

PRETO - Inteligência Oculta/Abstrata (INTELIGÊNCIA ?)

- **Ciência:** Favorece concentração em contextos minimalistas, mas pode ser opressivo.
- **História:** Símbolo do tudo e nada – do Tao à arte contemporânea.
- **IA:** Usado como fundo para contraste e profundidade cognitiva.

BRANCO - Inteligência Potencial/Neutra (INTELIGÊNCIA 0 → +++)

- **Ciência:** Tela de projeção, espaço de abertura cognitiva.
- **História:** Do papiro egípcio ao papel em branco: pureza e recomeço.
- **IA:** Padrão em design limpo (clean UI), campo aberto para a inteligência emergir.



MARRON - Inteligência Estável/Concreta (INTELIGÊNCIA -)

- **Ciência:** Associado à monotonia e rigidez em estudos de preferência cromática.

- **História:** Cor da terra, do trabalho físico e da permanência.

- **IA:** Pouco utilizada em interfaces digitais, vista como baixa energia cognitiva. Em contextos rurais, o marrom ganha valor de sabedoria prática – subvertendo a classificação tradicional.

Escala de Inteligência & Cores (Resumo)

- INTELIGÊNCIA +++ = Azul, Verde

- INTELIGÊNCIA ++ = Roxo criativo, Branco expansivo

- INTELIGÊNCIA +/- = Amarelo (inovação - ansiedade), Vermelho (paixão - alerta)

- INTELIGÊNCIA ? = Preto (abstrato, oculto)

- INTELIGÊNCIA 0 → +++ = Branco (potencial ilimitado)

- INTELIGÊNCIA - = Marrom (estabilidade, fixidez, sabedoria prática em certos contextos)

Hipótese

A inteligência artificial, assim como o cérebro humano, privilegia azuis, verdes e brancos em suas paletas, associando-os a confiabilidade, clareza e expansão cognitiva.

Já marrons e tons pesados aparecem menos, o que revela possíveis vieses perceptivos compartilhados entre máquinas e humanos. Essa convergência abre campo para estudos futuros em neurociência, design e ética da tecnologia.

Aplicações Práticas

- **Educação:** uso das cores como recurso de aprendizagem afetiva e cognitiva.

- **Saúde:** paletas terapêuticas em ambientes de reabilitação.

- **Design & UX:** desenvolvimento de interfaces conscientes dos impactos cognitivos das cores.

- **Arte & Cultura:** experimentações que dialoguem entre razão, emoção e simbolismo cromático.

- **Tecnologia:** análise de como IA e algoritmos reproduzem (ou subvertem) padrões perceptivos humanos.

Observação Ético-Afetiva

Este trabalho é experimental, especulativo e maiêutico – pensa através de perguntas. Não é doutrinário nem excludente: cada cultura, família e indivíduo possui sua própria gramática cromática da inteligência. A proposta é que cada pessoa reconheça sua cor no mundo e descubra como ela dialoga com as demais, celebrando a diversidade como fonte de beleza e convivência.

Cartilhas Ético-Afetivas com Senso de Responsabilidade

Em geral, pessoas com neurodiversidades complexas visíveis ou invisíveis têm outros parâmetros de propriocepção e percepção social, apresentando dificuldades de compreensão plena de alguns códigos nas relações sociais, negociações interrelacionais, jogos de poder e atitudes de dominação/submissão. Os signos e simbologias nem sempre seguem a lógica esperada pelo senso comum. Isso se aplica também a gostos, preferências e escolhas por

CLASSIFICAÇÃO EM TEORIA DAS CORES

Cartilha Ético-Afetiva para Inteligência e Cognição



cores. Por isso, cada caso é único merecendo avaliação cuidadosa. Mas, no geral, em geral, essas pessoas apresentam grande senso de responsabilidade e precisam incondicionalmente serem tratados da mesma forma, por isso, a honestidade intelectual ético-afetiva num ambiente seguro são fundamentais para desabrocharem e sentirem-se felizes.

A utilização das cores em vários contextos de atividades, podem auxiliar significativamente. As nossas Cartilhas Ético-Afetivas são resultado de mais de 30 anos da convivência cotidiana em ambientes adaptados para pessoas fora do padrão social esperado, desde escolas, instituições de assistência, espaços corporativos, eventos de todos os formatos, acompanhando o desenvolvimento de alunos, familiares, profissionais de educação e assistência observados do Berço à Universidade.



Guto Maia (José Augusto Maia Baptista) é pesquisador neurocientista especialista em Saúde Mental Pública, docente orientador pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz. Prêmio MCEYS Qualidade Brasil 2025 - Saúde Mental e os Impactos da Tecnologia como Transformação Social, em 24/09/2025, na Câmara Municipal de São Paulo, pela

atuação de mais de 30 anos em Neurociência Cognitiva, como professor e pai do **Pedro**, jovem autista, recém-graduado em Tecnologia de Eventos.

E-mail: familiamaiarosengarten@gmail.com

Informática adaptada e casas inteligentes para PCD e idosos



Vivemos uma era em que a tecnologia deixou de ser apenas conveniência para se tornar ferramenta de inclusão, autonomia e segurança. Para pessoas com deficiência e idosos, a informática adaptada e as casas inteligentes não são luxo, são aliados diárias que garantem dignidade e bem-estar.

Informática Adaptada: inclusão digital real

- Leitores de tela e softwares de voz (JAWS, NVDA, Orca) permitem que pessoas com deficiência visual naveguem na internet, estudem e trabalhem.

- Sistemas alternativos de comando (controle por voz, rastreamento ocular, mouses de cabeça como o Colibri) oferecem autonomia a pessoas com limitações motoras.

- Apps de acessibilidade brasileiros como Hand Talk (tradutor de Libras) e Audima (transforma texto em áudio) são exemplos de inovação nacional.

- Projetos sociais como o F123 e Motrix democratizam o acesso, mostrando que inclusão também depende de software acessível.

Casas Inteligentes: o lar que cuida

- Assistentes de voz (Alexa, Google, Siri): controlam luzes, portas e eletrodomésticos sem esforço físico.

- Automação de segurança: sensores de queda, alarmes de gás, fechaduras inteligentes.
- Ambientes personalizados: controle de temperatura, iluminação e rotinas adaptadas às necessidades específicas.

Monitoramento Inteligente: tranquilidade para famílias

Com a vida corrida, muitas famílias enfrentam a angústia de deixar PCD ou idosos sozinhos em casa. As câmeras inteligentes surgem como solução prática:

- Acesso remoto pelo celular em tempo real.
- Alertas instantâneos por movimento ou som.
- Áudio bidirecional para conversar diretamente.

Integração com sensores de saúde e botões de emergência e seus benefícios diretos

- Garante tranquilidade para quem

trabalha fora.

- Permite agir rapidamente em emergências.
- Reforça a segurança sem retirar a autonomia.
- Funciona como rede de apoio invisível para a família.

IMPORTANTE: o monitoramento deve ser feito com transparência, preservando a privacidade e explicando claramente à pessoa monitorada que se trata de uma medida de proteção, não de invasão.

A importância da adaptação para os idosos

- Autonomia:** prolonga o tempo de vida independente.

- Segurança:** reduz riscos de quedas e esquecimentos (como deixar o fogão ligado).

- Conexão social:** acesso fácil a chamadas de vídeo e redes sociais diminui a solidão.

- Saúde preventiva:** lembretes de medicamentos e monitoramento biométrico reduzem hospitalizações.

Conclusão

A tecnologia adaptada não é apenas uma questão de inovação, mas de justiça social. Informática inclusiva, casas inteligentes e monitoramento remoto garantem não só a sobrevivência, mas a qualidade de vida de PCD e idosos.

Em um futuro cada vez mais conectado, não se trata de "se adaptar ou não", mas de garantir que todos tenham o direito de viver com segurança, autonomia e dignidade.

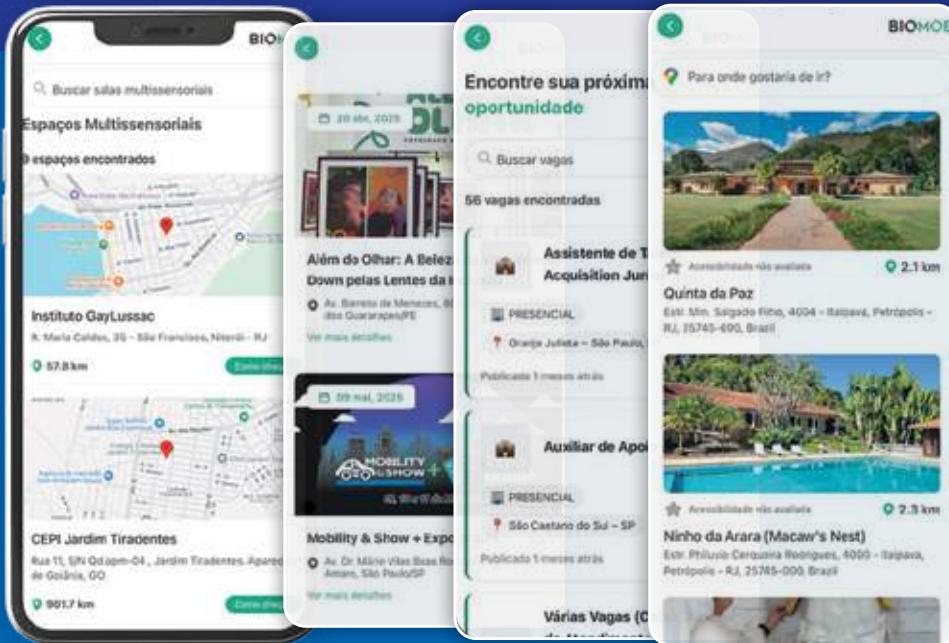


Kelly Freyman

é mãe atípica, avó 40+, palestrante formada em Gestão Pública e Técnica em Nutrição e Dietética, transformo sua história em inspiração e conhecimento, humor e espiritualidade.
E-mail: kellyfreymann777@gmail.com

Se é acessível, tá no app da Biomob.

Descubra lugares, serviços, produtos e até vagas de emprego com acessibilidade comprovada, mapeados por quem entende do assunto. É autonomia na palma da mão!



Confira as funcionalidades do app:

- Consulta e avaliação de locais acessíveis;
- Navegação assistida;
- Notícias sobre acessibilidade;
- Vagas de emprego;
- Vagas de Ator;
- Consulta de exposições acessíveis;
- Consulta de eventos acessíveis;
- Uso de QR code e NFC;
- Consulta e rota para espaços multissensoriais.



Acompanhe as novidades em nossas redes.

Beleza imperfeita, autêntica e real

Durante muito tempo, os padrões de beleza foram estreitos, excludentes e quase inatingíveis. Corpos perfeitos, simetrias rigorosas e uma estética limitada dominaram as passarelas, as telas e os espelhos. No entanto, a sociedade está passando por uma transformação significativa, totalmente necessária, que redefine o que é belo. Nesse novo cenário, a pessoa com deficiência emerge não apenas como símbolo revolucionário, mas como referência legítima de beleza, autenticidade e estilo.

Hoje, modelos com deficiência estampam capas de revistas, participam de campanhas globais e desfilam nas semanas de moda mais prestigiadas do mundo. Essa visibilidade não é apenas simbólica; ela é transformadora. Rompe o imaginário coletivo que associava beleza apenas a um único tipo físico e mostra que a diversidade corporal é rica, poderosa e real. A beleza é plural.

A beleza da pessoa com deficiência não está em disfarçar sua característica física, mas em mostrá-la com orgulho, em evidenciar cicatrizes, próteses, bengalas, cadeiras de rodas, libras, voz eletrônica ou qualquer outro elemento que compõe sua identidade. Ela está no modo como essas características se integram à expressão individual, ao estilo pessoal e à confiança que emana da aceitação de si.

Mais do que estética, esse novo olhar sobre a beleza é um ato cultural. É um passo em direção a uma sociedade que reconhece o valor da pluralidade e que entende que todas as formas de

corpo merecem espaço, respeito e admiração. Pessoas com deficiência deixam de ser vistas apenas como exemplos de resiliência e passam a ocupar o lugar que sempre foi delas: o de protagonistas.

A beleza contemporânea celebra o real, o imperfeito, o diferente e é justamente por isso que pessoas com deficiência têm se tornado ícones dessa nova era. Elas nos convidam a ampliar nosso olhar, a rever nossas crenças e a enxergar o encanto onde antes só víamos limites.

No fim, a verdadeira beleza está na coragem de ser quem se é. E nisso, a pessoa com deficiência é, sem dúvida, uma das maiores referências da atualidade.

Para não ficar nenhuma dúvida, daqui para frente fica decreto: somos referência de beleza na atualidade e para eternidade. 



Kica de Castro é palestrante, publicitária e fotógrafa. Tem uma agência de modelos para profissionais com deficiência desde 2007. É colunista/colaboradora da Revista Reação desde 2008. Em 2015 criou o programa de TV “Viver Eficiente”, que tem como objetivo dar voz e visibilidade para pessoas com deficiência.
Redes Sociais: @vivereficiente



Paula Ferrari - Mielite

“A beleza que carrego não cabe em moldes. Minha beleza é feita de histórias, marcas e força”.



Ariete Angotti - Nanismo

“A minha beleza não segue padrão, ela cria um. Não estamos falando de agradar, é sobre aceitação”.



André Lima - Maquiador

“Quando estou em estúdio para acompanhar uma sessão fotográfica, ressalto a beleza de cada pessoa. Nos detalhes que a sociedade considera imperfeito, só consigo ver beleza”.

Anny Souza - Tetraplégica

“Aprendi a me olhar com amor, desde então, imperfeição não existe no meu dicionário. Talvez o erro esteja em quem insiste em chamar de imperfeição o que é só parte de mim”.

Cassio Sgorbissa - Má formação congênita

“Sou uma pessoa com beleza genuína, confiante e sem precisar de aprovação. Arrogante? Não. Vejo como aceitação e amor próprio”.

especial

CADERNO



LONGEVIDADE

A Revolução Tecnológica no Cuidado à Longevidade: O Potencial do Monitoramento em ILPIs



Acrescente expectativa de vida e o envelhecimento populacional têm impulsionado a busca por soluções inovadoras que garantam qualidade de vida e segurança aos idosos, especialmente àqueles que residem em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs). Nesse cenário, a integração de tecnologias avançadas no cuidado diário emerge como um pilar fundamental para promover a autonomia, a segurança e a eficiência na gestão dessas instituições. Estudos indicam que a incidência de quedas em idosos institucionalizados é significativamente alta, variando entre 33% e 65% anualmente, superando os índices observados em idosos que residem na comunidade, conforme apontado por Ferreira et al. (2019). Essa realidade sublinha a urgência de medidas preventivas robustas. Sistemas de monitoramento contínuo e em tempo real representam um avanço significativo nesse campo, redefinindo as práticas de assistência e aprimorando o bem-estar da população idosa.

A essência de tais plataformas reside em sua capacidade de vigilância contínua e em tempo real, que coleta e processa dados cruciais sobre a rotina dos residentes. A funcionalidade de registrar atividades diárias, monitorar tempos de permanência em cômodos específicos e, principalmente, detectar incidentes críticos, como quedas, é um diferencial.

No contexto brasileiro, começam a surgir soluções nacionais de monitoramento contínuo e em tempo real, que cumprem esse papel tão necessário ao oferecer recursos de vigilância assistiva e inteligente. Essas tecnologias possibilitam a criação de ambientes mais seguros e controlados, oferecendo uma camada adicional de proteção que beneficia diretamente os residentes e suas famílias, ao mesmo tempo em que proporciona maior tranquilidade quanto à vigilância e resposta a emergências.

Abordando Desafios por Múltiplas Perspectivas

A implementação de sistemas de monitoramento em ILPIs não apenas moderniza a infraestrutura de cuidado, mas também resolve uma série de problemas complexos que afetam diferentes atores envolvidos no ecossistema da longevidade:

Para os Residentes e suas Famílias

A principal vantagem percebida pelos residentes e seus familiares é o aumento substancial da segurança e da proteção. O monitoramento contínuo assegura que situações de emergência, como quedas ou alterações súbitas de comportamento, sejam identificadas e tratadas com agilidade. Essa capacidade de resposta rápida é vital para minimizar o tempo de inatividade após um

incidente e reduzir o risco de complicações secundárias, proporcionando uma inestimável sensação de tranquilidade para todos os envolvidos. A certeza de que há um sistema vigilante e proativo permite que os idosos mantenham sua dignidade e sintam-se mais seguros em seu ambiente. Como evidenciado por Uchida e Borges (2013), “a maioria dos idosos apresenta algum medo de cair, mesmo naqueles sem histórico de quedas”. Tais sistemas, ao oferecerem monitoramento constante e detecção de quedas, podem contribuir para a redução desse medo, que, se não gerenciado, “pode favorecer uma maior dependência em atividades de vida diária e, consequentemente, aumentar o risco de quedas”.

Para os Profissionais de Saúde

No que tange aos profissionais de saúde - enfermeiros, cuidadores e terapeutas - essas plataformas otimizam significativamente o processo de monitoramento e acompanhamento dos pacientes. Ao fornecer dados concretos e em tempo real, a tecnologia permite que as equipes planejem intervenções mais precisas e eficientes. A visualização de padrões de atividade, tempos de sono e movimentação pode subsidiar a elaboração de planos de cuidado individualizados, a identificação precoce de necessidades e a avaliação da eficácia de tratamentos. Isso não só eleva a qualidade do cuidado prestado, mas também libera tempo dos profissionais para atividades que demandam maior interação humana e acolhimento. No artigo de Vasconcelos e colegas (2022), é ressaltado que a falta de material humano qualificado para trabalhar nas ILPIs é um fator que corrobora para a precarização da qualidade de vida dos idosos residentes. Ao otimizar o tempo e a atenção dos cuidadores por meio de alertas e dados precisos, essas tecnologias podem mitigar essa lacuna, permitindo que a equipe se concentre em cuidados mais personalizados e menos na vigilância passiva.

Para os Gestores de Instituições de Longa Permanência

Para os administradores e gestores das ILPIs, essas soluções tecnológicas oferecem insights valiosos sobre a rotina e o bem-estar dos residentes, culminando em uma gestão otimizada. Os relatórios detalhados e os dados analíticos gerados pelas plataformas são ferramentas poderosas para a tomada de decisões informadas, a gestão eficiente de recursos e a garantia da conformidade com os padrões de cuidado e regulamentações vigentes. A capacidade de identificar áreas de risco, alocar equipes de forma mais estratégica e demonstrar um compromisso com a segurança e a qualidade do cuidado pode fortalecer a reputação da instituição e atrair novas famílias em busca de um ambiente de excelência para seus entes queridos. Além disso, a otimização operacional pode resultar em uma alocação mais eficiente de recursos humanos e financeiros.

Correlação entre Sistemas de Monitoramento e a Melhoria da Segurança e Prevenção de Quedas

A prevenção de quedas é uma das maiores preocupações em ILPIs, dadas as graves consequências que podem acarretar para a saúde e a autonomia dos idosos. Sistemas de monitoramento desempenham um papel crucial nessa frente, estabelecendo uma forte correlação entre o uso da tecnologia e a melhoria da segurança, por meio de diversas funcionalidades:

1. Monitoramento Contínuo e em Tempo Real:

A capacidade de acompanhar ininterruptamente as atividades diárias dos usuários, capturando dados sobre movimentação e permanência em diferentes áreas, é fundamental. Qualquer alteração nos padrões de atividade, que pode sinalizar um risco iminente de queda ou deterioração da saúde, é imediatamente detectada. Ferreira et al. (2019) ressaltam que é fundamental identificar os fatores de risco para quedas recorrentes em idosos na população institucionalizada para que possam ser instituídas medidas preventivas. Essa vigilância constante permite a identificação precoce de comportamentos de risco, viabilizando intervenções preventivas antes que um incidente ocorra, transformando uma abordagem reativa em proativa.

2. Detecção e Alarme de Quedas:

Uma das funcionalidades mais impactantes dessas soluções é a detecção automática de quedas. Por meio de sensores avançados, a plataforma é capaz de identificar a ocorrência de uma queda e enviar alertas imediatos a cuidadores e profissionais de saúde. A agilidade na resposta não apenas diminui o tempo que uma pessoa pode permanecer no chão – um fator crítico para reduzir o risco de lesões graves como fraturas por pressão e hipotermia –, mas também possibilita ajustes rápidos no ambiente ou na rotina do residente para prevenir futuras ocorrências. Uchida e Borges (2013) afirmam que “são vários os fatores que podem levar um idoso a cair” e que “é frequente o idoso apresentar não só um, mas vários fatores de risco associados, que comprometem os sistemas envolvidos com a manutenção do equilíbrio, o que torna a população idosa mais suscetível à ocorrência de quedas e a sofrer suas consequências, como fraturas, declínio funcional, medo de novas quedas, hospitalização, institucionalização, ou até mesmo óbito”. A detecção rápida desses incidentes minimiza a gravidade dessas consequências.

3. Análise de Tendências e Padrões de Comportamento:

O registro serializado de dados permite uma análise aprofundada de tendências e padrões comportamentais ao longo do tempo. Isso inclui a frequência de visitas a determinadas áreas ou a duração da permanência em locais que podem representar um risco. Compreender esses padrões ajuda a identificar períodos ou locais de maior vulnerabilidade, subsidiando decisões sobre modificações ambientais (como a instalação de barras de apoio ou melhoria da iluminação) ou mudanças em rotinas de cuidado para mitigar riscos e aumentar a segurança de forma personalizada. Ferreira et al. (2019) informam que “Estudos sugerem que nas ILPI as quedas ocorrem mais frequentemente no quarto, próximo à cama, provavelmente quando o idoso levanta e apresenta algum tipo de desequilíbrio ou hipotensão postural”. A análise de dados de plataformas de monitoramento pode identificar esses padrões de risco específicos em determinados locais.

4. Relatórios Detalhados para Tomada de Decisão:

Os relatórios gerados por plataformas de monitoramento fornecem informações detalhadas e visuais sobre a rotina e os eventos relacionados aos usuários. Esses dados são inestimáveis para gestores e profissionais de saúde ao planejar intervenções e estratégias de cuidado. Com acesso a dados precisos e comple-

tos, os profissionais podem personalizar planos de cuidado, ajustando medidas preventivas e estratégias de segurança para cada indivíduo com base em seus comportamentos, necessidades específicas e histórico de incidentes. Tais relatórios podem oferecer subsídios valiosos para essa avaliação aprofundada.

5. Integração com Práticas de Cuidado:

A integração dos dados fornecidos por essas tecnologias com as práticas de cuidado diárias permite que cuidadores e profissionais de saúde adaptem suas abordagens de maneira informada e proativa. Essa sinergia assegura que as intervenções sejam baseadas em evidências concretas, aumentando a eficácia das medidas preventivas, como programas de exercícios para fortalecimento muscular ou ajustes de medicação, e contribuindo para a segurança geral dos residentes.

Implicações para a Longevidade, Políticas Públicas e Pesquisa

A popularização de sistemas de monitoramento vai além do benefício direto aos usuários e instituições; ela tem implicações significativas para o campo da longevidade como um todo. Primeiramente, contribui para a popularização da ciência ao demonstrar, de forma prática e tangível, como a tecnologia de ponta pode ser aplicada para resolver problemas reais no cotidiano do envelhecimento. Isso desmistifica a tecnologia e a torna mais acessível ao grande público, mostrando seu papel como aliada no processo de envelhecimento saudável.

Em segundo lugar, a coleta de dados robustos e a otimização de processos proporcionadas por essas soluções podem subsidiar a discussão e a formulação de políticas públicas mais eficazes para o cuidado ao idoso. Informações precisas sobre as necessidades, desafios e os resultados de intervenções baseadas em tecnologia podem guiar a alocação de recursos, a criação de diretrizes para ILPIs e o desenvolvimento de programas de saúde pública que promovam a segurança e o bem-estar dos idosos em larga escala. Vasconcelos e colegas (2022) apontam que “Há um grande número de idosos cujo processo de envelhecimento vem acompanhado de debilidades físicas e/ou mentais. Evidencia-se também o aumento de pessoas que são dependentes da velhice, que necessitam de apoio familiar e cuidados”. A aplicação dessas tecnologias pode ser parte da resposta para atender a essa crescente demanda.

Além disso, essas plataformas estimulam a pesquisa e o desenvolvimento contínuos na área da gerontologia e da tecnologia assistiva. Os dados gerados podem ser analisados por pesquisadores para identificar novas tendências, validar modelos de cuidado e desenvolver soluções ainda mais avançadas, impulsionando a inovação no setor.

Finalmente, a adoção dessas tecnologias impacta o mercado de longevidade, criando novas oportunidades para o desenvolvimento de produtos e serviços, além de elevar os padrões de qualidade esperados pelos consumidores e suas famílias. A demanda por soluções que integrem tecnologia e cuidado humano tende a crescer, moldando um mercado mais dinâmico e focado na excelência. Vasconcelos e colegas (2022) ressaltam a necessidade de “investimento em projetos dentro das ILPIs brasileiras, que ofertam cuidados além da saúde física, pois a cada dia o nú-

mero de idosos cresce no Brasil, demandando serviços de cuidados qualificado, que respeite a individualidade, a história de vida da pessoa idosa e que vise uma melhora na qualidade de vida”.

Conclusão

A utilização de sistemas de monitoramento avançados aprimora diretamente a segurança dos idosos por meio da detecção rápida e precisa de incidentes, e fornece uma base de dados robusta para a implementação de medidas preventivas e a personalização do cuidado. A correlação entre tecnologia e práticas de cuidado informadas resulta em um ambiente mais seguro, uma significativa redução de incidentes como quedas e, em última análise, uma melhoria substancial na qualidade de vida para os usuários e uma maior tranquilidade para suas famílias. Nesse sentido, soluções nacionais e internacionais que integram monitoramento avançado, análise de dados e detecção automática de incidentes representam um avanço fundamental para aprimorar a segurança, a eficiência e a satisfação na prestação de cuidados em Instituições de Longa Permanência para Idosos. Essas iniciativas contribuem de forma valiosa para o avanço da longevidade em nossa sociedade.

Exemplo prático no Brasil

Entre as iniciativas em desenvolvimento no cenário brasileiro, destaca-se o Anglis, uma solução nacional que aplica visão computacional e inteligência artificial para monitorar em tempo real o bem-estar de residentes em ILPIs. Embora ainda em processo de expansão, exemplifica como tecnologias emergentes podem ser adaptadas à realidade local e contribuir para elevar os padrões de segurança e qualidade de vida dos idosos institucionalizados. 



Maria A. F. Mello é Terapeuta Ocupacional, Mestrado, Doutorado e POs doutorado em Ciências da Reabilitação com ênfase em Tecnologia Assistiva e LOngevidade. Especialista em Economia da Saúde (UNIFESP 2003), Consultora Nacional e Internacional em Tecnologia Assistiva desde 1995.

Com 30 anos atuando como pesquisadora, educadora, clínica e empreendedora científica na área, no Brasil e exterior.



Roberto Martins é graduado em Gestão e Tecnologia de Redes de Computadores e pós-graduado em Gestão de Negócios pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Com experiência consolidada em telecomunicações e consultoria em TI, atua como gerente de produto e desenvolvimento na Anglis. É especialista em soluções de visão computacional e inteligência artificial aplicadas à segurança, à monitoração de pessoas e ao cuidado em saúde e longevidade.

Inovação & Longevidade: desvendando o potencial da economia prateada Inovação & Longevidade: desvendando o potencial da economia prateada



Alongevidade humana, uma das maiores conquistas da ciência e da medicina modernas, tem redefinido a estrutura demográfica global. O envelhecimento populacional apresenta-se como uma das mais significativas transformações sociais e econômicas do século XXI. A velhice foi associada a declínio e dependência, uma visão que se mostra cada vez mais desatualizada e limitante. A emergência da “Nova Longevidade” desafia essas percepções, revelando que a vida após os 60 anos é uma fase de renovação, engajamento e contribuição contínua para a sociedade.

Neste contexto, a inovação desempenha um papel crucial. É por meio de novas abordagens, produtos e serviços que se pode desvendar o vasto potencial da população sênior, um grupo que compartilha o desejo de manter-se ativo, saudável e conectado. A compreensão desse segmento de mercado, às vezes subestimado, é fundamental para organizações que buscam prosperar no cenário global em evolução. Este artigo explora a interseção entre inova-

ção e longevidade, destacando a importância de uma mudança de paradigma, de como a sociedade interage com pessoas acima de 60 anos, e o imenso valor que essa transformação pode gerar.

A Nova Longevidade e a abordagem “Stage (Not Age)”

O principal desafio, para muitos acima de 60 anos, reside na mudança de mentalidade. Empresas, governos e a própria sociedade precisam abandonar a ideia de que a idade cronológica é o fator determinante para a capacidade, o desejo ou o potencial de um indivíduo. A realidade é que as pessoas acima de 60 anos são um grupo incrivelmente diverso, com diferentes níveis de saúde, interesses, habilidades e aspirações. Muitos estão mais ativos, saudáveis e engajados do que as gerações anteriores na mesma faixa etária. Eles buscam novas experiências, aprendizado contínuo, oportunidades de trabalho flexíveis e produtos e serviços que atendam às suas necessidades e desejos específicos, e não

apenas às suas limitações. É aqui que reside a imensa oportunidade. A Susan Wilner Golden, em seu trabalho, enfatiza que o mercado de pessoas com mais de 60 anos representa uma oportunidade de US\$ 22 trilhões. Este valor colossal não se refere apenas a produtos e serviços de saúde ou assistência, mas abrange uma vasta gama de setores, incluindo: entretenimento, viagens, educação, tecnologia, serviços financeiros, e muito mais. Ignorar esse mercado é perder uma fatia significativa do poder de consumo global.

Além do aspecto econômico, há um valor social inestimável em aproveitar a sabedoria, a experiência e o capital humano que essa população oferece. Ao invés de serem vistos como um fardo, os idosos podem ser catalisadores de inovação, mentores, consumidores ávidos e colaboradores valiosos, impulsionando o crescimento econômico e social de maneiras que ainda estamos começando a compreender. A Nova Longevidade é um convite para repensar tudo o que sabemos sobre o envelhecimento e abraçar um futuro onde a idade é apenas um número, e o potencial humano é ilimitado. A pedra angular deste projeto é a filosofia articulada por Susan Wilner Golden em seu influente livro “Stage (Not Age): How to Understand and Serve People Over 60 – The Fastest Growing, Most Dynamic Market in the World”. Golden, uma especialista em inovação e empreendedorismo da Harvard Business University, desafia a visão convencional do envelhecimento, que categoriza indivíduos com base unicamente em sua idade cronológica. Em vez disso, ela propõe uma estrutura mais matizada e precisa: a compreensão das pessoas com mais de 60 anos através de seus estágios de vida, que são moldados por uma complexa interação de fatores como saúde, finanças, relacionamentos, aspirações e experiências pessoais.

A premissa central de “Stage (Not Age)” é que a idade é um indicador falho para entender as necessidades e os comportamentos de consumo da população sênior. Uma pessoa de 65 anos pode estar em um estágio de vida diferente de outra pessoa da mesma idade. Enquanto uma pode estar iniciando uma nova carreira ou empreendimento, outra pode estar focada em cuidar de netos ou em atividades de lazer. Golden argumenta que, para as empresas servirem eficazmente este mercado, é imperativo que abandonem os estereótipos baseados na idade e adotem uma abordagem que reconheça a diversidade e a fluidez dos estágios de vida.

Golden destaca que a longevidade não é um fenômeno homogêneo. As pessoas estão vivendo mais, mas também estão vivendo de maneiras muito diferentes. Ela identifica que o mercado sênior é o que mais cresce e é o mais dinâmico do mundo, representando uma “oportunidade de US\$ 22 trilhões que só pode ser desbloqueada, se você repensar tudo o que pensa que sabe sobre pessoas com mais de sessenta anos”. Isso implica uma reavaliação das estratégias de marketing, desenvolvimento de produtos e serviços, e até mesmo da cultura organizacional. As empresas que conseguirem se adaptar a essa nova realidade, focando nos estágios de vida em vez da idade, estarão privilegiada posição para capturar uma parcela significati-

va desse mercado em expansão. Em suma, a abordagem “Stage (Not Age)” de Susan Wilner Golden nos convida a:

Reconhecer a Diversidade - entender que a população sênior é heterogênea e que suas necessidades e desejos variam amplamente.

Focar nos Estágios de Vida - desenvolver produtos, serviços e estratégias que se alinhem com os diferentes estágios de vida, e não apenas com a idade cronológica.

Desafiar Estereótipos - romper com as noções preconcebidas sobre o envelhecimento e abraçar uma visão mais positiva e capacitadora.

Inovar e Adaptar - criar soluções inovadoras que atendam às demandas específicas de um mercado em constante evolução.

Ao internalizar e aplicar esses princípios, busca-se não apenas capitalizar sobre a “economia da longevidade”, mas promover uma sociedade mais inclusiva e equitativa, onde a experiência e o potencial das pessoas acima de 60 anos são valorizados e aproveitados.

O Mercado Sênior: dados e tendências

O envelhecimento populacional é um fenômeno global e irreversível, com implicações sociais, econômicas e culturais. Longe de ser um problema, essa transição demográfica representa uma das maiores oportunidades de mercado do século XXI. A população com mais de 60 anos está crescendo a um ritmo sem precedentes, e com ela, seu poder de consumo e influência. Compreender os dados e as tendências desse mercado é crucial para empresas e organizações que desejem prosperar na Nova Longevidade.

Crescimento Demográfico e Poder de Consumo

Dados recentes confirmam a ascensão da população sênior. No Brasil, por exemplo, o Censo 2022 revelou que a população idosa alcançou 31,2 milhões de pessoas, representando 14,7 % dos brasileiros. Globalmente, as estimativas apontam para um mercado de US\$ 22 trilhões, conforme destacado por Susan Wilner Golden, que pode ser desbloqueado ao se repensar a forma como se entende e serve essa faixa etária. Esse valor não se restringe a bens e serviços associados à velhice, como saúde e assistência, mas se estende a uma vasta gama de setores, incluindo:

Turismo e Lazer - idosos com mais tempo livre e recursos buscam experiências de viagem, cruzeiros, atividades culturais e de entretenimento.

Educação e Aprendizado Contínuo - há a demanda por cursos, workshops e programas de desenvolvimento pessoal e profissional, com desejo de se manterem ativos e relevantes.

Tecnologia e Conectividade - contradizendo estereótipos, os idosos são usuários ativos de smartphones, redes sociais e plataformas digitais, buscando conexão, informação e entretenimento.

Serviços Financeiros e Planejamento - a necessidade de gerenciar aposentadorias, investimentos e patrimônio impulsiona a demanda por produtos e serviços financeiros especializados.

Moradia e Adaptação - soluções de moradia que ofereçam conforto, segurança e acessibilidade, como condomínios sênior e casas adaptadas, são muito procuradas.

Beleza e Bem-Estar - produtos e serviços que promovem a saúde, o autocuidado e a qualidade de vida, como cosméticos anti-idade, academias e terapias alternativas.

Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Brasil, demonstra que o poder aquisitivo de pessoas com mais de 65 anos é, de modo geral, maior. No Brasil, os idosos movimentam 20 % do consumo nacional. Esses dados sublinham a importância de reconhecer o idoso, não apenas como um beneficiário de políticas sociais, mas como um consumidor ativo e influente, capaz de impulsionar a economia.

Tendências e Oportunidades na Economia da Longevidade

A “Economia Prateada” ou “Economia da Longevidade” é um termo que descreve o conjunto de atividades econômicas e oportunidades de negócio voltadas para a população sênior. Tendências nesse mercado são claras e apontam para um futuro onde inovação e adaptação serão chaves no sucesso:

Personalização e Segmentação

Dada a diversidade dos estágios de vida, produtos e serviços genéricos darão lugar a soluções personalizadas que atendam às necessidades específicas de diferentes subgrupos de idosos.

Tecnologia Assistiva e Inovação

Desenvolvimento de tecnologias que promovam autonomia, segurança e qualidade de vida dos idosos, como dispositivos de monitoramento de saúde, casas inteligentes e aplicativos de bem-estar, será uma área de crescimento.

Inclusão Digital

Aumentar a acessibilidade e a usabilidade de plataformas digitais para idosos, combatendo a exclusão digital e promovendo a conectividade.

Trabalho e Empreendedorismo Sênior

Com a extensão da vida produtiva, haverá uma demanda crescente por oportunidades de trabalho flexíveis, programas de requalificação e apoio ao empreendedorismo para idosos.

Saúde Preventiva e Bem-Estar Integral

O foco se deslocará do tratamento de doenças para a promoção da saúde e do bem-estar ao longo da vida, com ênfase em nutrição, atividade física e saúde mental.

Design Universal e Acessibilidade

Criação de ambientes, produtos e serviços que sejam acessíveis e utilizáveis por pessoas de todas as idades e habilidades se tornará um padrão.

Intergeracionalidade

Projetos e iniciativas que promovam a interação e a colaboração entre diferentes gerações, valorizando a troca de conhecimentos e experiências.

Oportunidades na Economia da Longevidade são muito vastas. Empresas que investirem em pesquisa e desenvolvimento, inovação e na compreensão aprofundada do público estarão na vanguarda de um mercado em expansão.

O cenário de envelhecimento populacional global não é só uma realidade demográfica, mas oportunidade estratégica para inovação, desenvolvimento social e econômico. A abordagem “Stage (Not Age)”, de Susan Wilner Golden, mostra caminho para organizações que desejam, não apenas compreender, mas engajar e servir a população com mais de 60 anos. Ao focar nos estágios de vida, e não na idade cronológica, é possível desbloquear o imenso potencial da economia da longevidade, estimado em US\$ 22 trilhões.

Tendências de mercado apontam para a necessidade de soluções personalizadas, inclusão digital, tecnologias assistivas, oportunidades de trabalho flexíveis, foco crescente na saúde preventiva e no bem-estar integral. A inovação não é só desenvolver produtos, mas abrange redefinição de modelos de negócios, criação de ambientes inclusivos e promoção da cultura que valorize experiência e sabedoria das gerações mais velhas. Com a Nova Longevidade, empresas podem, não apenas gerar retornos financeiros significativos, mas contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e próspera para todas as idades. 



Sérgio Taldo

é CEO & Founder at Ctrl+Café, Consultor em Marketing, “Aircraft Engineer”, Speaker, Life Futurist 3.0, The Climate Reality Project Leader.

E-mail: sergiotaldo@gmail.com



Coisas que todo idoso deveria ter em casa

Com a vinda da idade é comum que se apresentem certas questões de saúde no indivíduo. Todo aquele vigor da juventude, a flexibilidade de criança e o metabolismo equilibrado dão lugar a um corpo cansado, marcas do tempo e um organismo mais fora do ritmo como as cordas de um violão desafinado.

Claro que existem casos e casos e muitas variáveis podem influir na saúde de um cidadão da terceira idade. Mas não significa que não é possível prevenir certas questões gerais que todo idoso deve ficar atento, como pressão, problemas de glicose e outros.

Lembrando que estou falando das condições mais comuns aos cidadãos dessa faixa etária e que mesmo utilizando esses parelhos **VOCÊ DEVE SEGUIR TRATAMENTO MÉDICO**.

Esses aparelhos inclusive, servem para você, paciente, conseguir deixar seu médico ciente de qual sinal que o seu corpo esteja dando. Logo é **COMPLEMENTAR** de tratamentos e check-up.

Aparelhos para uso domiciliar

Esses são aqueles que vale apena ter guardado em uma gaveta e, não são tão exclusivos de faixa etária assim, por analisar o básico de sinais vitais:



1 - Esfigmomanômetro digital:

Famoso “aparelhinho de pressão”, disponível para aquisição em farmácias ou mesmo em qualquer marketplace de sua escolha, geralmente sua versão digital é uma mão na roda em comparação a versão manual que requer certo conhecimento e auxílio de um estetoscópio.

Para aqueles que não têm técnica, ou precisam aferir a pressão de forma mais rápida a versão digital é uma boa pedida. Essas versões inclusive monitoram os B.P.M (BATIDAS POR MINUTO / BATIMENTOS POR MINUTO). A pressão comum beira a casa de seus 12 por 8 e o B.P.M de um adulto em repouso é de 60 a 100, mas muitos fatores devem ser levados em consideração como idade e questões cardiovasculares, por isso importante conversar com seu médico, inclusive, para saber a marca recomendada e variáveis a serem analisadas. Cada caso é um caso.

DICA BÔNUS - mantenha sempre pilhas boas no aparelho digital, pois na maioria das vezes a bateria baixa influencia resultados. Medir ou **aferir a pressão 3 vezes** ajuda a ter certeza do resultado



2 - Oxímetro de dedo:

Aparelho que mede o nível de oxidação do oxigênio no sangue. Estamos falando da quantidade de oxigênio (O_2) transportado dos pulmões para o sangue, que por sua vez leva aos tecidos do corpo todo.

Polpando-os de uma aula de biologia mais complexa, tudo no nosso corpo requer homeostase/equilíbrio taxas acima ou abaixo do recomendado clínico podem indicar questões respiratórias, cardíacas ou mesmo hematológicas a serem analisadas por um profissional e uma equipe multidisciplinar. SpO2 92% é considerada normal em idosos saudáveis.

Mas de novo, é sempre importante se ater a variáveis clínicas, acompanhamento e orientações médicas.

3 - Glicosímetro - medidor de Glicose:

O terror do diabético com medo de agulha. Esse aparelhinho é mais um importante monitorador das condições fisiológicas, mas dessa vez não apenas dos idosos. Geralmente os valores normais para idosos é algo entre: Jejum → 90 a 130 mg/dL e 2h após refeição → < 180 mg/dL. 🩺



Marcos Freitas

é pessoa com deficiência,
graduado em Biomedicina
e ativista na causa PCD.
E-mail: marcos.frts20@gmail.com

ENSAIO

ANNY SOUZA

Tetraplégica

D+ Foto: Kica de Castro

Estúdio: Centro Cultural



**“Acredite
em si mesmo
e você será
invencível.”**

NOVO ECLIPSE CROSS

2026

APROVEITE CONDIÇÕES
EXCLUSIVAS PARA PCD



DE **R\$ 173.990,00**

POR —

R\$ 149.990*

*PREÇO VÁLIDO PARA VERSÃO RUSH.

4X4
É MITSUBISHI



CONDICÃO VÁLIDA DO ECLIPSE CROSS RUSH 2026 EXCLUSIVAMENTE PARA PCD (PESSOA COM DEFICIÊNCIA) NO VALOR À VISTA DE R\$ 173.990,00 POR R\$ 149.990,00 JÁ CONTEMPLANDO A ISENÇÃO DE IPI, NÃO EXTENSIVA ÀS DEMAIAS CATEGORIAS DE VENDA DIRETA (FROTISTA, LOCADORAS, PRODUTOR RURAL ETC.). OFERTA VÁLIDA DE 1/8/2025 A 31/8/2025. PARA PRAZO, CONSULTE O CONCESSIONÁRIO DE SUA PREFERÊNCIA. FATURAMENTO DEVE SER REALIZADO MEDIANTE APRESENTAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO COMPLETA E REGULAR, EXIGIDA PELA LEGISLAÇÃO VIGENTE. RESSALTANDO QUE POR TRATAR-SE DE VENDA DIRETA, O PROPRIETÁRIO DEVERÁ RESPEITAR AS REGRAS DE PERMANÊNCIA MÍNIMA DE PROPRIEDADE DO VÉHICULO.



O MELHOR PÓS-VENDAS DO BRASIL

MITSUBISHI
MOTORS